



# PAZ e BEM

Edição Março/Abril  
Ano 62 - Nº 368

ORDEM FRANCISCANA SECULAR (OFS DO BRASIL)

**Um ano de pandemia:**

*e daí?*

A photograph of two hikers walking away from the camera on a dirt trail in a mountainous landscape. The hiker on the left is wearing a purple jacket and a green backpack, while the hiker on the right is wearing a grey jacket and a red backpack. They are surrounded by dry, yellowish-brown grass and rocks. In the background, there are large, rugged mountains with patches of snow under a blue sky with white clouds.

## **PARTIR... E CAMINHAR**

**Partir é, antes de tudo, sair de si mesmo.**

**Quebrar a crosta do próprio egoísmo,**

**que deseja encerrar-se no cárcere do próprio eu.**

**Partir é deixar de dar voltas em torno de si mesmo  
como se a gente fosse o centro do mundo e da vida.**

**Partir é não se deixar encerrar no círculo de problemas  
do pequeno mundo a que pertencemos, seja qual for a sua importância.**

**A humanidade é muito maior e é a ela que devemos servir.**

**Partir não equivale a devorar quilômetros, atravessar mares  
ou lançar-se a velocidades supersônicas.**

**É, antes de tudo, abrir-se aos demais, descobri-los, sair ao seu encontro.**

**Abrir-se às ideias e compreender as que são contrárias  
às nossas é ter o olfato de um bom comerciante.**

**Bem-aventurado é todo aquele que entende e coloca em prática em sua vida aquela frase:**

**“Sempre que não estás de acordo comigo, tu me enriqueces”.**

**É possível caminhar sozinho. O bom caminhante sabe, no entanto,  
que a grande viagem que é a vida requer companheiros.**

**A palavra “companheiro” etimologicamente significa “o que come o mesmo pão”.**

**Bem-aventurado, portanto, aquele que se sabe eternamente em viagem  
e que vê em todo próximo o companheiro sonhado.**

**Convém não nos iludirmos nem ser ingênuos: quem escuta a voz de Deus,  
quem interiormente opta por Ele, arrancando-se de si e partindo para lutar pacificamente  
por um mundo mais justo e mais humano, não deve sonhar com um caminho fácil.**

**Os que se arrancam como peregrinos da justiça e da paz  
preparam-se para enfrentar um deserto inospitaleiro.**

# Expediente

Ministra Nacional e Conselheira Internacional  
Maria José Coelho (MS)

Vice- Ministro  
Marco Antônio Dias Rodriguez (RJ)

Coordenador Nacional de Comunicação  
Márcio Bernardo de Oliveira Ramos (MG)

Jornalista Responsável:  
Leonardo Contin da Costa – MTB 6550/SC

Auxiliar da Comunicação:  
Bruno Pacheco

Equipe de Elaboração  
Aloysio de Mello Figueiredo Cerqueira (RJ)  
Daisy Lúcia M Ferreira (RJ)  
Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM (RJ)  
Maria Conceição Messias (RJ)  
Vilma Aguiar de Oliveira (RJ)

Correção:  
Juliana Caroline Goncalves Almeida (SP)  
Aline Milani Romeiro Pereira (RJ)  
Antonio Julio Martins (SP)

Redação e Administração  
Ordem Franciscana Secular do Brasil (OFS)  
Avenida Treze de Maio, 23, salas 2232 a 2234,  
Centro, Rio de Janeiro  
Cep: 20031-007  
Site: [www.ofs.org.br](http://www.ofs.org.br)  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)  
Telefax: (21) 3172-4789 e (21) 99785-8960  
Caixa Postal 50052- CEO: 20050-971

Responsável pelas Assinaturas:  
Bruno Pacheco  
Contato: 21-2240.4565 - 2516-3478  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)

Assinatura Anual R\$ 50,00  
Assinatura Bianaual R\$ 90,00

Formas de Pagamento:  
- Cheque nominal a Ordem Franciscana Secular do Brasil,  
pagável no Rio de Janeiro.  
- Depósito em conta corrente:  
BANCO BRADESCO  
Agência 3176-3. Conta Corrente nº 13122-9  
BANCO DO BRASIL  
Agência 0392-1. Conta Corrente nº 0013.907-6  
-Diretamente no Secretariado Nacional da OFS

ATENÇÃO: ENVIE O COMPROVANTE DE DEPÓSITO

Arte/Diagramação/Capa:  
Ricardo Meneses  
[@ricardomeneses.adm](mailto:@ricardomeneses.adm)

Impressão:  
WalPrint, Gráfica e Editora  
[www.walprint.com.br](http://www.walprint.com.br)

A Revista Paz e Bem não tem finalidade de lucro. Algumas ilustrações são encontradas disponíveis na internet. Sempre procuramos fazer menção ao autor e à fonte. Caso alguém se sinta lesado, pedimos a gentileza para que entre em contato para a retirada do material em questão.

# Sumário

EDITORIAL	04
PALAVRA DO CONSELHO	05
TEMA DE ESTUDO Francisco e a pessoa de Jesus - Uma questão de enamoramento	06
ENCONTROS COM O PAPA FRANCISCO Encontros Mundiais Pela Paz	08
PALAVRA DE SÃO FRANCISCO Quaresma, jejum, cruz e páscoa	10
TEOLOGIA FRANCISCANA Evolução da Eclesiologia e a Eclesiologia franciscana no século XIII	12
ESPIRITUALIDADE A Vida Eucarística: Ação de Graças	14
JANELA ABERTA Capuchinhos: 125 Anos de Missão no RS	16
ESPECIAL Um ano de pandemia: e daí?	18
QUANDO DEUS FALA O que Deus nos fala na Carta de Paulo aos Gálatas?	20
GRANDES TEXTOS Bernardo de Quintavalle	22
PARA REFLETIR, REZAR E SORRIR Provérbios, Ditos e Achados	23
FORMAÇÃO Vem e verás: "Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são"	24
RETRATOS DE NOSSA GENTE Carlo Acutis, Enamorado pela Eucaristia	26
MEDITAÇÃO O Senhor Vive, Ele Ressuscitou!	28
COISAS NOSSAS A Economia de Francisco	30
JUFRA/OFS	32

## ***Olá, estimados leitores da Revista Paz e Bem!***

É com grande alegria que disponibilizamos esta nova edição bimestral!

O conteúdo dessa edição, como sempre procuramos fazer, busca relacionar nossa espiritualidade com a realidade ao nosso redor, seguindo o que nos inspira a fazer o Artigo 4 da Regra da OFS: "...passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho". Nossa fé não pode, jamais, nos alienar da realidade. O projeto apresentado por Jesus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, se dá no convívio com o outro, na transformação da realidade em que vivemos, na busca por justiça e paz.

Para alcançarmos isso, precisamos olhar ao nosso redor. Vivemos tempos complexos. Ainda estamos em meio à pandemia, que completa um ano no Brasil. A chegada das vacinas, as notícias falsas, as vidas perdidas... Nossa seção Especial levanta uma reflexão sobre nossa relação com esse cenário e nosso papel em meio a essa questão.

Na Formação apresentamos uma discussão a partir da mensagem do Papa para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, cujo tema é "Vem e verás. Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são". Como cristãos e franciscanos somos chamados a gastar a sola dos sapatos e, também, a nos questionar: conhecemos a realidade de nossos irmãos de fraternidade?

Dentre as deliciosas leituras que trazemos nesta edição, você ainda lerá sobre a Economia de Francisco, o jovem Beato Carlo Acutis e muito mais. Tudo foi preparado com muito carinho. Esperamos que aproveitem!

*Boa leitura a todos!*

**A Redação**

### **Ordem Franciscana Secular do Brasil Conselho Nacional Triênio 2018 – 2021**

<b>Maria José Coelho</b>	Ministra Nacional e Conselheira Internacional	coelhozeze@yahoo.com.br
<b>Marco Antônio Dias Rodriguez</b>	Vice-Ministro Nacional e Conselheiro Internacional Suplente	marcoadrodriuez.ofs@gmail.com
<b>Jucilene Caldas da Silva</b>	Conselheira Nacional para Área Norte	cilene_caldas@hotmail.com
<b>Paulo Gomes Mesquita</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste A	pazebemofs@hotmail.com
<b>Ebevaldo Oliveira do Nascimento</b>	Conselheiro Nacional para Área Nordeste B	ebevaldo@hotmail.com
<b>Clodoaldo dos Santos</b>	Conselheiro Nacional para Área Centro - Oeste	clodaldo@escolaimaculada.com.br
<b>Maria Lúcia de Jesus Barbosa</b>	Conselheiro Nacional para Área Sudeste	luciamariamar@yahoo.com.br
<b>Aura Lana dos Reis Kamradt</b>	Conselheira Nacional para a Área Sul	aura.karadt@gmail.com
<b>Antônio Julio Martins</b>	Secretário Nacional	ajmartins@terra.com.br
<b>Felipe Paiva</b>	Tesoureiro Nacional	tesourariaofsbr@gmail.com
<b>Mayara Ingrid Sousa Lima</b>	Coordenadora Nacional de Formação	mayaingrid@yahoo.com.br
<b>Márcio Bernardo de Oliveira Ramos</b>	Coordenador de Comunicação	m3bernardo@gmail.com
<b>José de Ribamar Castro</b>	Assessor Jurídico	castrjd@uol.com.br
<b>Helmir Soares da Silva</b>	Animador Fraternal Nacional para JUFRA	helmir.sadia@hotmail.com
<b>Irmã Claudenice Aparecida Sabadin, FCM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	clausabadin@hotmail.com
<b>Frei Francisco Alberto Bindá Libório, TOR</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	novoemailfco@yahoo.com.br
<b>Frei Arnaldo Cesar Rocha, OFMConv</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	freiarnaldoconv@gmail.com
<b>Frei José Maria Maia de Lima, OFMCap</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	frzemia@gmail.com
<b>Frei Túlio de Oliveira Freitas, OFM</b>	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	tulio.defreitas@hotmail.com
<b>Aluisio Victal</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	aluisio.victal@gmail.com
<b>Joseval Ferreira Ramos</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	jvalramos1@gmail.com
<b>Maria Izabel</b>	Conselheiro Fiscal Efetivo	bel.barbosa1000@outlook.com
<b>José Douglas Soares Cordeiro de Souza</b>	Secretário Fraternal (Presidente) Nacional da JUFRA do Brasil	josedouglas_cordeiro@hotmail.com
<b>Nunes Dantas da Silva</b>	Conselho Fiscal Suplente	nuneso@yahoo.com.br
<b>Mário Zanchetta Sobrinho</b>	Conselho Fiscal Suplente	mariozancheta@terra.com.br
<b>Cleide Aparecida Marchi</b>	Conselho Fiscal Suplente	capmarchi@terra.com.br

# PALAVRA DO CONSELHO

**“O Senhor, que deu o bom começo, nos dê a graça do crescimento e da perseverança até o fim”**  
(Santa Clara de Assis)

Irmãos e irmãs, que nosso pai seráfico São Francisco e nossa irmã Clara vos concedam a paz!

Estamos vivenciando tempos difíceis desde a chegada da pandemia do novo coronavírus em 2020. A partir de então, tivemos que nos reinventar. Suspendemos as reuniões presenciais, evitamos o abraço fraterno e o calor humano. Nós que estávamos sempre muito atribulados de compromissos tivemos que aprender a silenciar, contemplar, esperar e aceitar o que não podia ser mudado.

Passamos a fazer apenas o que era realmente necessário, fazer poucas coisas, mas fazê-las bem, assim como nos pede Santa Clara. Nesse sentido, nós, do Conselho Nacional, continuamos a desempenhar as atividades da melhor maneira possível e, muitas vezes, encontramos novas forma de fazê-las. Realizamos reuniões de maneira remota para nos adequar à nova realidade e distribuimos, de modo temporário, os exemplares de 2020 da nossa revista em formato digital.

Muitos irmãos nos questionaram o porquê de mantermos a contribuição fraterna nesse período da pandemia. Isso ocorreu pois, apesar da redução das despesas referentes a viagens realizadas pelos irmãos para os capítulos ou visitas fraterno pastorais, existem outros compromissos financeiros que competem ao Conselho Nacional da OFS (CNOFS).

O CNOFS possui uma sede, a qual denominamos de Secretariado, que exige despesas mensais, tal como uma casa. São semelhantes às contas que você tem para pagar todo mês, como: água, luz, telefone, internet etc. No nosso caso existem ainda as despesas com a contribuição para o CIOFS, para a CFFB e para o CNLB. Todos esses compromissos devem ser honrados independente das receitas que tivermos.

Além disso, para que possamos evoluir a cada ano, precisamos investir em melhorias que só são possíveis através dos recursos que advém da contribuição financeira. Em 2021, implementamos na Revista Paz e Bem uma nova

forma de assinatura: o Plano Bianual. Essa mudança facilitou o gerenciamento administrativo, além de oferecer aos assinantes vantagem financeira, através do desconto, e comodidade, pelo maior prazo para a renovação.

Atentos ao momento atual e à necessidade cada vez mais evidente de inserção nos meios digitais e modernização das transações financeiras, oferecemos como nova forma de pagamento o PIX. Desta maneira, garantimos maior celeridade nas transações financeiras e diminuimos os custos referentes a despesas bancárias (confira mais detalhes e saiba como renovar sua assinatura na página 34 desta edição).

Sabemos que o momento é de cautela e que precisamos estar fortes, vigilantes e atentos aos desafios encontrados durante a pandemia. Todavia, seguimos trabalhando, adequamos os planejamentos e realizamos o que foi possível nesse momento tão delicado e de luto para tantas famílias.

Agradecemos os esforços de todos os irmãos e irmãs que, apesar das dificuldades, mantiveram suas contribuições atualizadas. Acreditamos que as provações fortalecem a nossa fé e que, desta forma, podemos experimentar a perfeita alegria. Queremos lembrar que a contribuição financeira de 2021 deve ser realizada até o mês de julho para que possamos continuar realizando nossas atividades a serviço de todos os irmãos.

Por fim, estamos confiantes de que nos encontraremos, todos vacinados, assim que possível, para que possamos matar as saudades dos convívios e dos calorosos abraços fraternos! Que nesse ano sigamos esperançosos e que cresçamos na graça e na perseverança, mesmo na tribulação, seguindo os ensinamentos do Evangelho: "No mundo haveis de ter aflições. Coragem! Eu venci o mundo" (São João, 16:33).

Cessemos as palavras e que falem as nossas obras, pois somos capazes de bem mais do que pensamos. Paz e Bem!

**FELIPE GUEDES**  
Tesoureiro Nacional



# FRANCISCO E A PESSOA DE JESUS

## *Uma questão de Enamoramento*

***O tema que vamos abordar é o do relacionamento amoroso de Francisco com o Senhor Jesus. Vasto e complexo. Vamos situá-lo, pois, como alguém literalmente apaixonado pelo Cristo que, a partir de um dado momento, não mais saiu de seu universo. Previno a todos que esta reflexão está fortemente pautada em páginas do livro São Francisco. Fé e Vida, de frei David Azevedo, OFM, publicado pelos franciscanos de Portugal. Edição de Braga, 2003.***

●Para começar, uma palavra do Papa Francisco: “Todos os cristãos, em qualquer lugar que se encontrem, estão convidados a renovar hoje mesmo seu encontro pessoal com Jesus Cristo, ou pelo menos, tomar a decisão de se deixar encontrar por ele, de procurá-lo dia a dia sem cessar” (A Alegria do Evangelho, n.3).

●Quando tentamos compreender e perscrutar o relacionamento de Francisco com a pessoa de Cristo somos levados a descobrir a fonte de onde parte tudo. Há um encantamento, um enamoramento por esse Cristo que vai se lhe revelando, à maneira de sedução como aconteceu com Jeremias, como Paulo capturado por Cristo: tudo o mais é lixo; para o apóstolo, viver é Cristo, nada pode fazer com que dele se separe. Revolução na vida de Paulo. Revolução na vida de Francisco. O cristianismo não é uma doutrina teológica nem uma filosofia, nem um sistema moral nem um dinamismo revolucionário. É uma pessoa, a pessoa de Jesus. Aquilo que é decisivo para que alguém seja cristão não são seus conhecimentos teológicos, mas sua relação com Jesus. Só nos tornamos cristãos quando nos enamoramos por Cristo.

●É a pessoa de Cristo que surge ao olhar de Francisco, olhar cândido, quase infantil, mas extasiado. Uma presença: “A pessoa de Jesus em primeiro plano, grande, linda, luminosa, encantadora, avassaladora. Tudo o mais se esbate e se perde na sombra. Fica só ela. Os problemas



sociais e religiosos do mundo de então, os pecados e as preocupações da Igreja, as interrogações da inteligência e as opiniões teológicas, os problemas pessoais do santo, sonhos de grandeza e tribulação do espírito - os seus problemas interiores sobretudo -, tudo isso fica para um segundo plano ou fica como que perdido num vazio de memória que de repente se forma” (São Francisco Fé e Vida, p.21).

●Diante de Jesus, a atitude de Francisco é toda de amor. Poderia ser de curiosidade. É, no entanto, de gratidão, assombro, encantamento. Percebe logo que amor se paga com amor. Quando, depois da coragem que teve de ter beijado o leproso, Cristo lhe aparece na igreja de São Damião, pedindo-lhe ajuda, a alma de Francisco fica para sempre “colada” à sua pessoa. Claro que aqui e ali tinha outras preocupações e outros interesses, sentimentos e pensamentos. O centro de tudo, no entanto, era o amor por Jesus.

●Neste contexto, vale a pena ler Celano: “Trazia Jesus no coração, Jesus nos lábios, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus sempre presente em todos os seus membros. Quantas vezes, sentado à mesa, esquecia o alimento corporal quando ouvia o nome de Jesus, ou o mencionava, ou pensava nele; e, como se lê de um santo, olhando não via e ouvindo não ouvia” (1Celano 115).

●Quando Francisco manifesta seu encantamento por Cristo não há nenhum interesse egoísta. Claro que Jesus é nosso salvador, mestre, redentor. Para Francisco, contudo, estes aspectos ficam relegados a um segundo plano. Novamente, Frei David Azevedo: “Para Francisco, os passos da história cristã - a Encanação, a Morte, a Ressurreição e a Eucaristia - são, primeiro de tudo, iniciativas e manifestações do amor de Deus. Diante do menino de Belém e do Crucificado do Calvário, o que emociona Francisco não é a solução de um problema pessoal (nem sequer os problemas dos homens); não é o seu benefício pessoal - a salvação que desses mistérios advém - mas sim a enormidade do amor de Deus que neles acontece e se exprime. A sua atitude não é tanto de uma felicidade interesseira, mas de um assombro delicadamente sensibilizado: Como é que Deus o pode amar assim? Que abismos de amor se escondem em tais extremos de loucura, que são os acontecimentos da história de Jesus?!” (obra citada, p 24-25).

●Conhecemos os fatos. Francisco vincula-se ao Natal, presépio, Greccio. Chamava “festa das festas” o dia em que o Menino nasceu e alimentou-se do leite de sua mãe. Beijava mentalmente a imagem do menino. Queria que se esfregasse carne nas paredes para que elas também se alegrassem. Francisco se entenece vendo a Deus feito menino, sugando o peito de uma mulher. As mãos de Deus nas mãos do menino. Quem pode esquecer as descrições da cena de Greccio?!

●A dor do Amado... “Um dia em que orava na solidão e, cheio de fervor, estava absorto em Deus, apareceu-lhe o próprio Jesus pregado numa cruz. Perante esta visão, ficou-lhe a alma derretida de amor e tão profundamente se lhe

imprimiu no espírito a memória da paixão de Cristo que, a partir desse momento, sempre que recordava os tormentos do Salvador, não conseguia reprimir as lágrimas e os suspiros, como ele mesmo declarou em conversa íntima antes de morrer (São Boaventura, Legenda Maior 1,5).

●Lembremo-nos ainda o assombro de Francisco diante da Eucaristia. Que céus e terras se extasiavam quando sobre o altar nas mãos do sacerdote está Cristo. Sabemos de cor suas palavras na Carta a toda a Ordem: grandeza admirável, condescendência assombrosa, humildade sublime, sublimidade humilde... o Senhor do universo num bocado de pão. O que impressiona e espanta Francisco é a humildade de Deus.

●No presépio, eram os membros frágeis e ternos de uma criancinha; no Calvário, os tormentos de um Crucificado; na Eucaristia umas pobres migalhas de pão. Mas o que está por detrás, nos três mistérios, é a inesperada e incompreensível Loucura de Amor. Para Francisco, os mistérios cristãos são iniciativas de amor do Senhor.

●Não entramos num sistema para garantir nosso futuro. Dizemos entrega quando alguém descobre o Cristo e por ele se apaixona. O amor é o meio vital do cristão, como a água é o meio vital do peixe. Se a vida cristã é um enamoramento, teremos que rever a catequese e a pregação. Será necessário inventar métodos que alimentem o encanto por Jesus. Serão fundamentais as doutrinas, os acontecimentos, as cenas evangélicas capazes de pôr o coração a vibrar. Em segundo tempo, viriam as normas de conduta.

## ANEXO

O Crucificado glorioso da escola bizantina convocou Francisco a um empreendimento que nele fez nascer entusiasmo e compromisso. Cristo falou a seu coração com as mais adequadas palavras. Que mensagem ele dirige aos que, hoje como ontem, diante dele se apresentam? Contempla e não deixes de contemplar. Que estás esperando para lançar-te nos meus braços? Para que medo? Ama e deixa te amar. A cada um deixar-se chamar e escutar o que deve receber pessoalmente.

(Suzanne Giuseppi Testut)

## Encontros Mundiais pela Paz

### INTRODUÇÃO

O 1º Encontro Mundial pela Paz foi instituído pelo Papa Paulo VI, em 1º de janeiro de 1968. Palavras do Papa Paulo VI na Carta Oficial: *“Dirigimo-nos a todos os homens de boa vontade, para os exortar a celebrar o «Dia da Paz», em todo o mundo, no primeiro dia do ano civil, 1º de janeiro de 1968. Desejaríamos que depois, a cada ano, esta celebração se viesse a repetir, como augúrio e promessa, no início do calendário que mede e traça o caminho da vida humana no tempo que seja a Paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar o processar-se da história no futuro.”*

Ainda: *“Não se pode, pois, falar de Paz, legitimamente, quando não são reconhecidos e respeitados os seus sólidos fundamentos: a sinceridade, ou seja, a justiça e o amor, tanto nas relações entre os estados, como no âmbito de cada nação; entre os cidadãos e entre estes e os governantes. Depois, a liberdade dos indivíduos e dos povos, em todas as suas expressões, cívicas, culturais, morais e religiosas; caso contrário, não se terá Paz; ainda mesmo que, porventura, a opressão seja capaz de criar um aspecto exterior de ordem e de legalidade, no fundo haverá um germinar contínuo e insufocável de revoltas e guerras.”*



### 54º ENCONTRO PELA PAZ – PAPA FRANCISCO

Desde então, ocorreram 54 Encontros Mundiais de Orações pela Paz realizados pelos Papas.

*Benção, nascimento e encontro* - O Papa enfatizou três palavras - bênção, nascimento e encontro, - e salientou o papel da Virgem Maria, no dia em que a Igreja Católica também celebra o 54º Dia Mundial da Paz, este ano sob

o lema "A cultura do cuidado como caminho para a paz". "Não estamos no mundo para morrer, mas para gerar vida", disse o Papa, acrescentando: "O primeiro passo para dar vida ao que nos rodeia é amá-la dentro de nós próprios. Sublinhou a importância de "educar o coração para cuidar, para valorizar as pessoas e as coisas", para que as

sociedades cuidem dos outros e do mundo. Considerou que "o mundo está seriamente contaminado por dizer coisas más e por pensar mal dos outros, da sociedade, de si próprios", e assegurou que "a maldição corrompe, faz tudo degenerar" e que "a bênção regenera, dá força para recomeçar".

Através do endereço abaixo você pode acessar a íntegra da mensagem do Papa Francisco pelo 54º Dia Mundial da Paz - 1º de janeiro de 2021:

<https://crbnacional.org.br/confira-a-mensagem-do-papa-para-o-54o-dia-mundial-da-paz/>

## DESTAQUES

Dentre os muitos Encontros para a Paz, gostaria de destacar os seguintes:

### **A Fraternidade entre as religiões, a grande herança de Assis 1986**

*Em 27 de outubro de 1986, João Paulo II realizou um grande sonho: ele convidou os representantes das religiões do mundo a Assis, para que uma única canção de paz, provenientes de muitos corações e em muitas línguas, pudesse ser enviada ao Deus único. Este convite foi aceito por 70 representantes das principais religiões. Eles ofereceram a esperança de um mundo diferente: renovado, profundamente fraterno e verdadeiramente humano. O evento em si trouxe uma importante mensagem: que o*

*desejo de paz seja compartilhado por todas as pessoas de boa vontade.*

A foto que ilustra o artigo nos mostra um momento do Encontro de Bento XVI com representantes das Igrejas e Comunidades eclesiais cristãs e das religiões mundiais, em Assis (Praça inferior da Basílica de Santa Maria dos Anjos, vendo-se a "Porciúncula" no plano de fundo).

Outro Encontro que merece destaque, agora com o Papa Francisco:

### **800 anos do Encontro de São Francisco e o Sultão Kamil**

O oitavo centenário do histórico encontro entre São Francisco de Assis e o Sultão Al-Kamil, ocorrido em 1219, foi celebrado com diversas iniciativas no Paquistão ao longo de 2019, país onde os cristãos são minoria.

Com uma leitura conjunta de passagens da Bíblia Sagrada e do Alcorão, foi realizada nos dias passados a cerimônia de conclusão das celebrações dos 800 anos do encontro entre São Francisco de Assis e o Sultão Al-Kamil, ocorrido em 1219. O oitavo centenário daquele histórico

encontro teve grande eco no Paquistão e outros países muçumanos ao longo de 2019.

Papa Francisco enviou uma Carta ao cardeal Leonardo Sandri, prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais, seu enviado especial às celebrações dos 800 anos do encontro entre São Francisco de Assis e o Sultão Al-Malik Al-Kamel, que foram realizadas no Egito de 1º a 3 de março.

### **São Francisco e o Sultão**

Penso que convém recordar, resumidamente, o Encontro de São Francisco e o Sultão.

"O próprio Francisco – recorda o Papa Francisco – junto com seu coirmão, Frei Iluminado, partiu para o Egito em 1219". Em Damietta, estavam as tropas da Quinta Cruzada, havia um ano, se preparando para um grande ataque aos Sarracenos. Sabendo da batalha, Francisco disse ao frei Iluminado que "o Senhor Ihe havia revelado" que os cristãos não iriam se sair bem. Francisco tentou alertar aos Cruzados, mas não foi ouvido. O ataque aconteceu, e o resultado foi trágico: os Sarracenos levaram a melhor, com muitos cristãos mortos e prisioneiros. O Sultão enviou aos Cruzados uma proposta de paz, que foi rejeitada. Foi nessa ocasião que Francisco, com muita insistência diante do Cardeal Pelágio, legado papal e

responsável pela Cruzada, entrou no campo inimigo. No acampamento muçumano, levados diante da presença do Sultão, afirmaram que iam como mensageiros de Deus, para levar a Deus a alma do Sultão. O Sultão, "por alguns dias o ouviu muito atentamente pregar a si e aos seus a fé em Cristo". Mas, temendo que alguns de seu exército passassem ao exército cristão, pela eficácia da palavra dele, o mandou "com segurança e reverência" de volta ao acampamento cruzado, com o seguinte pedido: "Reza por mim, para que Deus se digne revelar-me a lei e a fé que mais Ihe agrada".

O Papa Francisco conclui a carta acima citada, abençoando todos os participantes deste "memorável evento" e "todos os promotores do diálogo inter-religioso e da paz".

### **FONTES DE PESQUISA:**

- Consulta a Arquivos eletrônicos;
- Site "Vatican News";
- Retiro Espiritual sobre os "800 anos do Encontro de Francisco de Assis com o Sultão Malek-Al-Khamil"; (Frei Vitório Mazzuco, OFM)
- Mensagem do Papa Francisco por ocasião do 54º Dia Mundial de Oração pela Paz.



FREI DORVALINO FASSINI, OFM

## QUARESMA, JEJUM, CRUZ E PÁSCOA

*Segundo São Francisco de Assis em Tempo de Pandemia*

**T**odos sabemos que Francisco compreende, vê e vive todas as coisas a partir daquele seu novo olhar, nascido da graça do encontro com Jesus Cristo crucificado e com o Evangelho. Por isso, a maioria de seus Escritos inicia e vem recheada com citações evangélicas, como o capítulo 3º da Regra Não Bulada:

### *Do Ofício Divino e do Jejum*

*Diz o Senhor: “Este gênero de demônios só sai no jejum e na oração”; e ainda: “quando jejuardes não fiqueis tristes como os hipócritas”. Por isso, todos os Irmãos, clérigos ou leigos, façam o Ofício Divino, os louvores e as orações, como devem (RNB 3,1-3).*



### 1. Jejuar da tristeza da hipocrisia dos fariseus

Esse pequeno trecho confirma o que acabamos de dizer: Francisco vê e vive a Quaresma, o Jejum e a Páscoa a partir do Evangelho e não da Ascese, da Teologia, muito menos a partir do mundo, de si ou para si, isto é, para seu engrandecimento, nem mesmo para sua santificação ou salvação. Seguindo fielmente seu Mestre, jejum, oração, Quaresma, etc. existem para expulsar este gênero de demônios.

O que seria este gênero de demônios vem dito na frase que segue: *a tristeza dos hipócritas*. Ora, quando Jesus lançou esse dito ele estava se referindo, explicitamente, ao espírito ou fermento dos fariseus, totalmente contrário ao espírito pregado por Ele (Cf. Mt 16,5).

O fariseu hipócrita, ou o asceta, o “bom religioso”, a modo de herói, busca a perfeição, a santidade a partir de si

e para seu engrandecimento. Como diz nosso Papa, eles seguiam a Religião do “Eu”; se deleitavam tanto com “sua” religião, com “seus” rituais que se esqueciam de ir ao encontro do Senhor da lei, do jejum, da oração e da própria Religião. Jesus, ao contrário, vem ensinar-nos que tudo isso – a santificação, a salvação e o seu seguimento - são graças, dom do Pai das misericórdias.

Assim, para Jesus, o jejum corporal e todos os demais exercícios espirituais, e a própria oração, quando não nascem e não são vividos a partir da alegria da graça do encontro com Ele e com a misericórdia do Pai, viram demônio. Demônio significa, justamente, aquele ou aquilo que nos fecha em nós mesmos, separando-nos e afastando-nos da nossa origem, no caso, de nosso Pai e dos irmãos.

### Jejum Hoje

Quem, hoje, faz uma bela atualização deste gênero de demônios – *a tristeza dos fariseus hipócritas* - do qual devemos nos precaver e **jejuar**, sempre, é nosso Papa Francisco: *O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca*

desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Esse é um risco, certo e permanente. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor nem ferve o entusiasmo de fazer o bem. Esse risco, certo e permanente, correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida (EG 3).

## 2. Façam o Ofício Divino

São Francisco, porém, logo apresenta o remédio para vencer esse gênero de demônios: *façam o Ofício Divino*.

Ofício Divino significa, literalmente, **Trabalho de Deus**. Francisco, então, entende que a melhor maneira para vencer a tristeza do egocentrismo, do individualismo é entrar, mergulhar, na obra, na operação de Deus, que aparece e nos é oferecida gratuitamente na celebração das Horas Litúrgicas, da Missa e na reza do Pai Nosso (Cf. RNB 3). Se mergulharmos bem profunda, alegre e gratuitamente para dentro dessa Obra divina; se nos deixarmos trabalhar *pelo Espírito do Senhor e seu santo modo de operar*, tudo o que fizermos depois, no restante do dia ou da semana - a vida familiar, a vida profissional, o enfrentamento das vicissitudes e tribulações - tudo, enfim, será um *Ofício*

## 3. Quaresma-Cruz-Ressurreição

O tempo denominado Quaresma tem sua origem na necessidade que os primeiros cristãos sentiam de fazer uma boa preparação da celebração da Ressurreição do Senhor Jesus. Assim, tiveram a ideia de imitar Jesus: fazer, como ele, um jejum de 40 dias. Deste modo, queriam acompanhar bem de perto o Mestre amado, principalmente em sua Paixão e Morte na Cruz; acompanhar Jesus na busca de firmar-se na decisão acerca do maior valor ou Paixão de sua vida: fazer a vontade do Pai com todas as forças de sua alma, com todas as fibras de seu coração, até a morte e morte de Cruz.

Quem compreendeu bem esse princípio foi São Francisco. Seguir Jesus Cristo crucificado era, para ele, a raiz de todas as coisas, de toda a sua vida. Imitá-lo, “copiá-lo”, até em seus pormenores, era sua maior paixão. Foi movido por

*Divino*, um Trabalho **de** Deus. Ou seja, tudo será feito e vivido não mais a partir de nós, mas de Deus; não mais segundo os critérios ou princípios interesseiros do mundo, mas da luz e da gratuidade da Boa Nova: a alegria de estarmos unidos a Cristo.

Assim, o centro do jejum, da oração cristã ou evangélica, etc., não está em “não comer” ou em apenas dizer fórmulas, mas em abster-se do fermento, do espírito do fariseu, centralizado na falsa alegria do merecimento, por ter observado a lei de Deus ou da Igreja. Não diz o evangelista que *todos nós temos recebido da plenitude de Cristo, graça sobre graça?* (Jo 1,16). Como, então, alguém poderia pensar em ser merecedor de alguma coisa?! Isso seria muito demoníaco!

esse amor que inventou o Presépio e celebrava “suas” cinco Quaresmas anuais.

Francisco, surpreendentemente, não fala em Ressurreição porque, a partir do encontro com o Crucificado, através do ícone da Cruz de São Damião, viu e compreendeu que Cristo-Crucificado está vivo, ressuscitado e vice-versa, Cristo ressuscitado vive crucificado. Ou seja, o modo de Jesus Cristo estar no meio de nós, de viver conosco como ressuscitado, é o de Crucificado. Ou melhor, Ele ressuscita não para abandonar a Cruz, mas para voltar a ela e assim poder continuar comungando e carregando nossas alegrias, dores, sofrimentos e pecados. Enfim, sua Paixão é ser nosso companheiro, irmão e servo menor. Não rezamos, na Missa: *“Eis o Cordeiro de Deus que tira (carrega) os pecados do mundo!?”*

## Conclusão

### Quaresma, jejum, Cruz-Páscoa, em tempo de pandemia

Quem nos diz como poderíamos fazer um belo jejum evangélico, uma frutuosa Quaresma e participar da Paixão, Cruz e Ressurreição de Cristo, nesse tempo de pandemia, é nosso Papa Francisco.

Primeiramente, o Papa nos adverte acerca *daquele gênero de demônios*, visto acima e que crassa no meio de nós: *Hoje, mais do que nunca, ficou exposta a falácia do individualismo enquanto princípio que rege nossa sociedade. Qual será nosso novo princípio?* (Papa Francisco, *Vamos Sonhar Juntos*, pág. 13).

E, logo em seguida, ele mesmo dá a resposta: *Precisamos de um movimento popular que entenda que precisamos uns dos outros, que entenda a responsabilidade que temos uns*

*pelos outros e pelo mundo. Precisamos proclamar que ser compassivos, ter fé e trabalhar pelo bem comum são metas grandiosas da vida que requerem coragem e vigor; ao passo que a vaidade, a superficialidade e a zombaria da ética não nos fizeram nenhum bem. A era moderna, que tanto desenvolveu e projetou a liberdade e a igualdade, agora precisa acrescentar, com o mesmo impulso e a mesma tenacidade, a fraternidade* (idem, 12).

Assim, expulso o demônio da tristeza do espírito farisaico, que dá origem a todos os demais demônios, a todas as divisões, podemos e devemos, jubilosos, rezar todos os dias o belo “Ofício Divino”, o sagrado “Pai Nosso” da reconstrução da fraternidade social e universal.

***A partir dessa pandemia, não haverá mais “o outro”. Seremos todos “nós!”*** (Papa Francisco).



## Evolução da Eclesiologia e a Eclesiologia franciscana no século XIII

No artigo anterior, vimos que Eclesiologia é o ramo da teologia cristã que trata da doutrina da Igreja. Entretanto, esse termo é muito amplo, podendo significar “Tratado sistemático dos aspectos dos atos de Jesus”, que, de certo modo, são as funções da Igreja, no presente, passado e futuro.

Esses aspectos da eclesiologia só foram reunidos num compêndio, pelos teólogos João de Paris e Tiago de Viterbo, através de estudos dos conteúdos sobre a Igreja, no início do século XIV, até 1305.

Portanto, não encontramos um Tratado específico sobre a igreja, nos teólogos do século XIII, muito embora vários elementos e aspectos de certa eclesiologia possam ser vislumbrados, não de forma explícita, em obras exegéticas, oratórias e teológicas, tratando da Igreja, a partir do tema da fé.

A partir do século XIV, surgiram muitos escritos sobre a Igreja. Todavia, “*enfatizavam aspectos da Igreja visível, próprios da apologética, da teologia fundamental e do Direito Canônico*”. Trabalho, sobretudo, de canonistas.

“*No período anterior e posterior ao Concílio de Trento, a história da eclesiologia conhece uma dialética clara e nítida entre os vários níveis (jurídico-institucional, dogmático-sacramental e pneumatológico) e isto explica a passagem de uma visão de Igreja preponderantemente sacramental, no século XIII, a uma visão mais jurídica (concentrada nos problemas de autoridade, competências, autonomia e centralidade, territorialidade, etc.)*”

Elementos da comunhão eclesial atuais começam a ser recuperados a partir do século XIX e vão se tornar presentes a partir do Concílio Vaticano II.

Contemporaneamente, a eclesiologia se apresenta com uma abordagem teológica, que “*coloca a Igreja como Corpo místico de Cristo e se prolonga na reflexão sobre a dimensão pneumatológica*”.



Esclarecido esse esquema histórico, passemos à reflexão sobre a **Eclesiologia Franciscana no século XIII**.

O que estamos considerando eclesiologia dos autores franciscanos do século XIII é tudo que é dito sobre a Igreja; não necessariamente uma exposição sistemática ou tratado teológico-dogmático.

Certamente, pontos importantes dos principais manuais pós-tridentinos foram refletidos no século XIII, como, por exemplo, o Primado do Pontífice Romano, a infalibilidade do Papa, etc. que encontramos em Boaventura. No entanto, o aspecto místico-sacramental prevalece sobre o jurídico. Podemos observar em dois teólogos franciscanos desse período: Santo Antônio e São Boaventura.

**O sentido da eclesiologia sapiencial de Santo Antônio**, encontrada em seus Sermões, é ensinar a pregação e expor a sabedoria cristã, sem pretensão de apresentar aos frades um sistema teológico, embora se enquadrem no gênero literário teológico.

O objetivo de Antônio é orientar uma pregação profética e penitencial que conduza a uma transformação de vida. Assim, os conceitos teológicos que usa são dirigidos aos “destinatários da Palavra de Deus (mais) que propriamente ao objeto mesmo da teologia”, quer dizer, ele não se preocupa em refletir e

aprofundar conceitos teológicos, mas em conduzir os ouvintes ao encontro com o Senhor.

Como os teólogos do seu tempo, ele segue uma visão agostiniana da Igreja: a Igreja visível foi instituída por Jesus Cristo e é pura, porque se deixa conduzir pelo Espírito Santo. É Igreja de Cristo, é sua esposa, mas é a ação do Espírito Santo que faz com que ela seja concretamente o Corpo de Cristo.

Para Antônio, “a pregação da palavra de Cristo e a presença operativa do Espírito Santo nos corações são de primordial importância para a Igreja, por isso aceita a visão da Igreja como ‘congregação dos que creem’”. Por isso, acentua a “função magisterial do Papa: defender e favorecer esta congregação”, não “somente pelos elementos externos comuns a todos os fiéis, mas principalmente pelos elementos internos, quer dizer, pela unidade na fé e na caridade”. E, pela importância que dá à pregação da Palavra, convoca os pregadores à responsabilidade pelo anúncio do Evangelho de Cristo, denunciando os que abandonam o ministério da palavra.

Para ele, a Igreja existe e vive, de forma especial, na alma e de maneira especialíssima em Maria.

“Não há nem sombra de qualquer contraposição entre a Igreja institucional (que recebeu de Cristo o

poder de santificar e de jurisdição) e a Igreja que vive a santidade: há, isto sim, um desejo por uma Igreja santa, que viva santamente; por uma Igreja na qual as duas linhas, a da instituição-hierarquia e a da santidade pessoal se sobreponham e, por isso, a instituição esteja a serviço do carisma”.

Antônio não emprega a expressão “povo de Deus”, mas ratifica que para o “**cristão o importante não é ser clérigo ou leigo, mas viver santamente**”. Ele fala da igreja visível e também da hierarquia instituída pelo próprio Jesus Cristo e de seus diversos degraus; do poder do magistério sublime e do primado de Pedro, que foi querido como garantia desse poder confiado a ele (Pedro) e seus sucessores pelo próprio Cristo.

Enfim, a “*eclesiologia sapiencial de Antônio o leva a recomendar aos pastores que governem a Igreja na caridade, com amor fraterno, recordando-lhes a importância que tem o amplíssimo ‘poder das chaves’ com referência ao pecado. Essa preocupação preponderante pela penitência e pela reforma de costumes o empurra a encurtar distâncias entre o episcopado e o presbiterato, quando alude ao ‘poder de ordem e santificação’ ou, mais precisamente, ao ministério da remissão dos pecados*”.

**Fonte:**

MERINO, José Antônio; FRESNADA, Francisco Martínez (org.) Manual de Teologia Franciscana. Capítulo IV – Eclesiologia Franciscana – Alfonso Pompei



# A Vida Eucarística: Ação de Graças

*Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu a eles e disse: 'Tomem, isto é o meu corpo' (Mc 14,22 e Mt 26,26 e Lc 22,19)*

**N**a noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: 'Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim' (1Cor 11,23b-24)

A riqueza inesgotável deste sacramento exprime-se nos diferentes nomes que lhe são dados. Cada um destes nomes evoca alguns dos seus aspectos. Chama-se: *Eucaristia*, porque é ação de graças a Deus. As palavras *eucharistein* e *eulogein* lembram as bênçãos judaicas que proclamam – sobretudo durante a refeição – as obras de Deus: a criação, a redenção e a santificação. (CIC 1328)

Preciosa e grata palavra para a vida cristã e para a vida franciscana é **Eucaristia**.

Do grego εὐχαριστία (*eucharistía*) = ação de graças.

Em essência, a palavra **Eucaristia** significa **agradecimento** e, para nós, **dar graças a Deus**.



O **Catecismo da Igreja Católica** em breve definição, diz que a riqueza inesgotável do Sacramento Eucarístico é manifestada por vários nomes, cada um evocando um dos seus aspectos.

No Evangelho de **Lucas**, escrito em grego, ele emprega esse verbo na **celebração da Última Ceia**: "Ele 'dá graças', parte o pão e o dá aos discípulos".

Na história do cristianismo, a palavra foi adotada inicialmente em referência à **Missa**, na qual os católicos celebram o **ato salvífico de Deus na cruz**.

A *Didaché* emprega a palavra nesse sentido.

Além de se referir à Celebração, o termo é também usado para designar **o pão e o vinho**, que são transubstanciados no **Corpo e Sangue de Jesus**.

A palavra Eucaristia tem abrangentes significados e evoca as muitas dimensões do **agradecimento a Deus, que nos salva entregando-Se a Si mesmo, em sacrifício redentor, como alimento de Vida**.

A Bíblia desde o primeiro livro fala de sacrifícios, cuja finalidade principal era agradecer. As pessoas, ao se sentirem beneficiadas por Deus, ofereciam algo em retribuição. Abel, pastor, oferece o melhor cordeiro.

Caim, agricultor, oferece os frutos da terra. O agradecimento estava ligado aos bens recebidos. **Para reconhecer e demonstrar gratidão se oferecia um bem recebido.**

Agradecemos a Deus os dons que recebemos, sabedores de que esses dons são um bem, que traz um pouco do bem que a pessoa é. Assim, *“se agradecemos os dons de Deus, estamos reconhecendo que recebemos muitos bens que são parte do Bem, que Deus é”*.

Quando criança, ouvimos dos nossos pais: *“Já disse obrigada para a vovó?”*

A importância dessas palavras está no seu sentido mais profundo, que é **aprender a ser grata (o)**.

Ser educado a dizer “muito obrigado” não é apenas questão de educação, mas é adquirir consciência dos bens que recebe. Quem não tem essa consciência, além de não saber aproveitar o que recebe, torna-se triste, aborrecido, pessimista. **Só agradece quem reconhece os bens recebidos.**

Com o tempo percebemos que nem sempre é fácil agradecer, pois o agradecimento desvela nossas carências/fragilidades e necessidade da ajuda de outras pessoas.

Mas, mesmo que venham através de outras mãos, todos os bens que recebemos vem do Senhor. Como presenteá-lo em agradecimento?

Nenhum presente tem sentido, se não expressar que o bem recebido causou uma transformação em nós. Agradecer é uma transformação completa da pessoa, porque os bens que recebemos nos comprometem. **Ou seja, agradecer é corresponder ao bem que recebemos.**

Exemplificando: se eu recebo uma roupa, mostrarei minha gratidão usando-a.

Quem não sabe agradecer, também não sabe dar bens. Torna-se cada vez mais egoísta.

Quando alguém nos dá um presente, temos que estender as mãos. Se o presente for uma palavra, temos que prestar atenção. Se alguém se dá a nós, se nos dá a sua presença, dirigimos-lhe nosso olhar.

Se não estendermos as mãos, não prestarmos atenção e não olharmos, rejeitamos o presente e somos ingratos. Se nossas mãos, ouvidos e olhos se moverem, nos expomos à transformação.

**Quando recebemos um presente, nossa retribuição não são coisas ou palavras: somos nós mesmas(os).**

Tudo que recebemos ficará em nossas mãos enquanto servir para nos transformar, nos fazendo ser e crescer. Se retivermos, ficaremos sufocadas(os) com os acúmulos.

Somos mais felizes quanto mais amplo é o número de coisas e ações que provocam nossa gratidão e a felicidade é mais plena quanto mais pessoas partilham conosco a nossa gratidão.

Quando só damos atenção às desgraças e somos ingratas(os), tudo fica pesado.

*“Quando percebemos que dentro da palavra desgraça está a palavra graça, podemos dizer como o escritor francês G. Bernanos: ‘tudo é graça’”*.

**Todo fundamento da Eucaristia está nesse aspecto: agradecer dando um presente.**

Quanto maior a gratidão, maior o presente. Os povos antigos foram aumentando o valor, o número de suas ofertas e sacrifícios, por que se sentiam devedores e insuficientes. A oferta tinha que ser grande como Deus. Que impasse!

É preciso tomar o melhor que se tem e oferecer para demonstrar gratidão.

No entanto, o melhor que nós temos de nós mesmos é o próprio Deus, que vive em nós.

Nosso presente; nossa gratidão tem que ser carregada do Deus que vivemos. Que fazer?

Deus veio ao nosso encontro e esses grandes sacrifícios acabaram.

Agora, o que oferecemos a Deus é o próprio Deus: o corpo e o sangue do Deus, que veio morar conosco e se entregou para que tivéssemos vida. **A oferta de Jesus Cristo está feita!**

**Nossa Eucaristia é Ação de Graças.**

**Agradecemos a Deus o Bem que nos deu, oferecendo o próprio Bem: Jesus Cristo!**

À medida que formos capazes de encontrar Deus em tudo que nos acontece, para poder demonstrar Deus em tudo de bom que oferecemos, tornamos concreta, sincera e verdadeira nossa ação de graças; nossa Eucaristia.

E aí?

Percebemos Deus presente nos momentos significativos de nossa história pessoal?

Quanto de nós mesmas(os) temos colocado nos presentes que oferecemos?

Será que as pessoas nos percebem nos nossos presentes?

Até que ponto sentimos as pessoas nos presentes que nos deram?

Como aprendemos a ser gratos?

Quando participamos da Eucaristia, levamos algo da nossa gratidão para partilhar?

O que fazer para nossa eucaristia ser cada vez mais significativa?

**Fonte:**

PEDROSO, José Carlos Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001.

## Capuchinhos: 125 Anos de Missão no RS

No dia 18 de janeiro de 1896, chegavam em Conde d'Eu (hoje município de Garibaldi), os primeiros frades Capuchinhos no Rio Grande do Sul, eram eles: frei Bruno de Gillonnay e frei Leão de Montsapey. Os acompanhava seu ministro provincial, frei Rafael de La Roche. No entanto, os frades haviam chegado de navio no porto de Rio Grande, RS, ainda no dia 25.12.1895 e ali celebraram natal com os marinheiros, no navio. Apesar disso, ficou sempre conhecida e divulgada como data que marca a origem da missão o dia 18 de janeiro.



No dia 02 de janeiro desembarcaram em Rio Grande, querendo conhecer a realidade na qual iam implantar a mais nova Missão da Província da Savóia, a querida "Província-Mãe". Os primeiros capuchinhos do Rio Grande do Sul eram franceses, naturais da Província da região da Savóia, que havia sido restaurada em 30 de janeiro de 1841, após as perseguições causadas pela Revolução Francesa.

Os capuchinhos chegaram em Conde d'Eu, tendo sido enviados pelo

então bispo do Rio Grande do Sul, Dom Cláudio Ponce de Leão, com a finalidade de atender os imigrantes italianos daquela região. Não demorou muito e o espírito missionário e o campo de ação apostólica dos freis expandiram-se para outras regiões do estado. No dia 18 de junho de 1898, foi aberto o primeiro seminário para acolher vocações já naturais do Rio Grande do Sul.

As missões populares, a eficaz ação paroquial, o forte espírito missionário, a pregação popular, a

alegria franciscana, a simplicidade de vida, as devoções religiosas, a disponibilidade contínua para atender as necessidades espirituais e mesmo materiais do povo, desencadearam um movimento que resultou no aumento de vocações e no crescimento de frentes missionárias dos Capuchinhos pelo Rio Grande do Sul. Então no dia 24 de julho de 1942 foi criada oficialmente a província dos Frades Menores Capuchinhos do Rio Grande do Sul, sendo seu titular o Sagrado Coração de Jesus e seu

patrono o Imaculado Coração de Maria. Historicamente, é a primeira Província Capuchinha na América Latina e no Hemisfério Sul. A sua abrangência de território, até os dias atuais, é o estado do Rio Grande do Sul e pequena parte do sul do estado de Santa Catarina.

A Província Sagrado Coração de Jesus, Rio Grande do Sul, tornou-se numericamente sólida e geograficamente abrangente. Ao longo dos anos, marcou presença (por meio de freis enviados em missão), em São Paulo, Portugal, África, Nicarágua e França. Os capuchinhos do Rio Grande do Sul também foram responsáveis pelo início, organização e fundação da Província Nossa Senhora de Fátima, no Brasil Central, que é a primeira província originária de outra província brasileira. Os frades gaúchos iniciaram também, e ainda hoje mantém vínculo e auxiliam na missão, a Custódia São Francisco de Assis, no Brasil Oeste (estados do Mato Grosso e Rondônia). Em setembro de 2003, os Capuchinhos gaúchos iniciam uma ajuda fraterna a então Vice-província Madre del Divino Pastor, na República Dominicana. Em 2007 iniciam a presença no Haiti, que em 2014 torna-se Delegação Missionária Provincial do Haiti, com a qual os Capuchinhos do RS ainda mantêm vínculo e auxiliam na missão.

Também no Rio Grande do Sul, os Capuchinhos atuaram pastoralmente ao longo dos anos, para além de Paróquias e Missões Populares. Sempre sensíveis aos apelos dos papas, num movimento de

expansão missionária do projeto de evangelização, destacam-se por sua presença no mundo da comunicação social. Os capuchinhos gaúchos são responsáveis pela fundação da Rádio Difusora, em 27 de outubro de 1934 e pela TV Difusora, que entrou no ar em 10 de outubro de 1969. Ambas as emissoras foram vendidas em 1980 para o Grupo Bandeirantes de Comunicação e são hoje as atuais Rádio Bandeirantes Porto Alegre e TV Bandeirantes Rio Grande do Sul, importantes veículos de comunicação do estado. Há também o Jornal Correio Riograndense, que foi veiculado impresso de 1909 até 2017, o qual desde 1921 esteve sobre comando dos próprios Frades. Dentro ainda da comunicação social, os Capuchinhos também são responsáveis, ainda hoje, por duas redes de rádio no estado do RS: a Rede Maisnova FM e a Rede Tua Rádio.

Na Pastoral Paroquial, hoje, atendem 34 paróquias espalhadas no Rio Grande do Sul, sendo duas em Santa Catarina. Os Capuchinhos gaúchos atualmente, também têm ações e forte presença missionária na Pastoral Hospitalar, na Pastoral Universitária, nas Pastorais e Movimentos Sociais, nos Assentamentos, na Assistência Social, nas Missões Populares.

São cerca de 180 frades na atualidade, que assim como os fundadores da missão, procuram dedicar-se com amor e entusiasmo na edificação do Reino de Deus e na propagação dos valores do Evangelho

por onde vão, entre as pessoas. Sempre pautando a vida nos ensinamentos de Jesus Cristo e a Ele seguindo, no modo de viver e legado deixados por São Francisco de Assis e no testemunho de tantos frades e santos da Ordem Franciscana e Capuchinha. Nosso esforço maior continua sendo, de propagar por este chão, sobretudo aquilo que desejamos às pessoas quando as cumprimentamos com nossa saudação franciscana: "Paz e Bem".

Celebrar 125 anos é recordar com júbilo muita história e muitas vidas que marcam essa trajetória. É olhar o passado e aprender dele. É buscar, na memória que fazemos, a esperança de um futuro sempre melhor e de um presente que seja vivido com amor, fidelidade e testemunho na vocação assumida. Também é momento especial para louvar e agradecer a Deus, pois "até aqui o Senhor nos conduziu". É momento de entregar nas mãos Dele a trajetória que ainda vamos percorrer, depositar os sonhos, as ações, a vida, deixando com que o Senhor ilumine e abençoe nosso futuro. Neste dia vai bem uma oração, mesmo que breve, por cada Capuchinho do Rio Grande do Sul: que jamais se esqueçam de "buscar o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar" e que não se cansem de sempre renovar e viver em espírito de minoridade, de fraternidade e de constante recomeço de sua vida e missão, pois "até agora pouco ou nada fizemos", como diria nosso amado Irmão, São Francisco de Assis.

***Para o louvor e glória de Deus! Amém.***



## Um ano de pandemia: e daí?



*...se nós suportarmos todas essas coisas pacientemente e com alegria, pensando nas penas de Cristo bendito, que temos que aguentar por seu amor; ó Frei Leão, escreve que aqui e nisto há perfeita alegria.”*  
(1Fioretti, 8)

Vivemos um tempo ímpar em nossas vidas: a grande maioria nunca presenciou um momento de privações e restrições como este que a atual pandemia do COVID 19 nos impôs. Sem aviso prévio, fomos obrigados a restringir nosso direito de ir e vir, foram tirados nossos abraços, gestos de carinho, nossa alegria em aglomerar.

O tempo foi passando, e o que pensávamos que duraria dois ou três meses já se estende por um ano. Com muita tristeza presenciamos a Ciência ser deixada de lado e o senso comum

tomar conta dos protocolos a serem seguidos. Mais de 225 mil famílias brasileiras vitimadas (até o momento em que escrevo esse texto, no fim de janeiro) com a perda de pais, mães, avós, filhos, alguém muito amado que foi retirado do seio familiar e nem sequer pôde ser velado.

Muitos sofreram (e continuam sofrendo demasiadamente), pois sentem-se extremamente prejudicados e tolhidos em sua liberdade. Estes foram separados de seus entes queridos, muitos

exatamente pela idade avançada ou comorbidades, necessitando de um maior distanciamento social.

Vários pais e mães perderam seus trabalhos, negócios, empregos, a fonte de renda que garantia o sustento das necessidades básicas de suas famílias e vão sobrevivendo sabe-se lá como... Vimos crescer vertiginosamente os casos de ansiedade, depressão, violência doméstica, divórcio, feminicídio.

E a falta de compaixão, solidariedade e empatia com os

profissionais de saúde? Quantos foram apartados de suas famílias para se dedicarem ao cuidado tão delicado das vítimas de um vírus estranho e imprevisível que, no início, visto por alguns como “uma gripezinha” que “só vai matar idosos” (como se a vida de nossos anciãos valesse menos ou nada), agora revela uma mortalidade muito diferente, que não poupa crianças, jovens, adultos, atletas etc. Nossos bravos heróis da linha de frente estão sucumbindo de cansaço, vendo vários colegas de batalha perdendo a vida e para “aqueles extramuros dos hospitais” é “vida que segue”, “isto não é nada”, “se pegar, pegou”.

Outros acreditam que isto é fruto de teorias de conspiração, negligenciam a ciência e colocam sua fé nas mensagens veiculadas pelas mídias sociais, por vezes falaciosas, as *fake News*, isto é, notícias falsas. Alguns destes colocam-se como “corajosos”, continuam em aglomerações, festas, “baladas”, ignoram as determinações sanitárias de distanciamento, do uso de proteção como as máscaras, álcool em gel, higiene pessoal e de objetos, como as “inocentes” compras de supermercado ou padaria.

Mas alguns aproveitaram esta situação e reaprenderam a **con-viver** em família, valorizar os momentos de refeição, sentados todos à mesma mesa, cenas para muitos empoeiradas nas lembranças de infância; tomar aquele cafezinho com pão de queijo quentinho, sem pressa alguma. Reaprenderam a olhar nos olhos, conversar sobre o cotidiano, desejos, sonhos, angústias. Puderam enfim fazer aquela reforma no lar ou arrumar os armários, também acompanhar os deveres escolares das crianças e, assim, valorizaram mais a difícil missão que é ser professor.

Penso na nossa responsabilidade enquanto cristãos-católicos-franciscanos no meio de toda esta situação... O que estamos fazendo com nosso profetismo batismal que deveria nos impelir a

anunciar e denunciar? Será que estamos colaborando com o Reino de Deus, promovendo a justiça, a paz, a vida digna e abundante para todos? (Jo 10,10). Será que estamos sendo verdadeiros instrumentos da Paz e do Bem, cuidando da Criação e da Casa Comum como viveu nosso Francisco de Assis e vive nosso Francisco de Roma?

E, no meio de tanta angústia e incerteza, surge uma luz no fim do túnel: as tão sonhadas e desejadas VACINAS. Sim, é a grande luz de esperança, fruto do trabalho de cientistas do mundo inteiro, mulheres e homens que se debruçaram em estudos para trazer uma **solução coletiva** para um **problema coletivo e mundial**.

Em meio à euforia da chegada tão desejada, infelizmente saboreamos com total desprazer o amargo da falta de diplomacia que não permitiu que os insumos fossem liberados adequadamente para nossas respeitadas e competentes instituições públicas (Butantan e Fiocruz), a fim de que todos os brasileiros e brasileiras pudessem ser imunizados em massa; sim, a vacinação é uma estratégia coletiva de proteção. Muitos colegas médicos estão divididos, pois terão o “privilegio” de serem vacinados como prioridade, mas ao mesmo tempo não sabem quando seus entes queridos terão a mesma sorte.

Outra questão é o negacionismo cego que propaga falsas notícias sobre a eficácia das vacinas, levando temor aos quatro cantos do país, muito desserviço por parte de lideranças religiosas, também de profissionais da saúde e autoridades políticas; jogos de vaidades que arrastam nosso povo qual lama de barragem estourada... Qual será o interesse por trás de tudo isto?

E nós, cristãos-católicos-franciscanos? Qual tem sido nosso papel nesta pandemia? Somos protagonistas da Verdade e da Esperança ou da mentira e do

desespero? Ou simplesmente assistimos passivamente o decorrer do caos?

Vejo nas nossas fraternidades que muitos de nós temos uma visão romântica e adocicada de São Francisco e Santa Clara: ele, o Patrono da Natureza, que amava os bichinhos; ela, a mocinha nobre que saiu de casa e abdicou de sua riqueza. Quanta ingenuidade de nossa parte! Ambos viveram o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo com todas as suas forças e casaram-se com a Dama Pobreza, como o fez Jesus e sua Santíssima Mãe.

São Francisco amava todas as criaturas, viveu profundamente a fraternidade universal, era promotor da paz, buscou o diálogo com o sultão em plena Cruzada, foi mediador de conflitos políticos em Assis, fez-se pobre com os pobres, lutou pelos marginalizados e leprosos de seu tempo. Santa Clara enfrentou os sarracenos, zelava e servia suas irmãs, enfrentou até o Papa que queria obrigá-la a aceitar dotes, encorajou Santa Inês a fazer o mesmo, “não perdendo de vista seu ponto de partida”. Já paramos para pensar como Clara e Francisco viveriam na nossa sociedade? Conseguimos atualizar seus feitos de outrora? Pois este é o nosso papel como franciscanos e franciscanas de hoje.

Aproveitemos este momento de Perfeita Alegria, suportemos, sim, com paciência e esperança todo este sofrimento, mas não nos calemos e nem fechemos nossos corações. Repitamos o mesmo questionamento de Francisco: “Senhor, que queres que eu faça?”. Busquemos nas Fontes, no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e nas pegadas de São Francisco e Santa Clara de Assis as diretrizes para o nosso caminhar. Sejamos fiéis ao compromisso assumido no dia da nossa Profissão e ao Carisma que seguimos.

É preciso agir. “Comecemos, pois até agora pouco ou nada fizemos...” (São Francisco de Assis)

Fidelidade e Pertença!  
Esperança SEMPRE!  
Paz e Bem!

## O que Deus nos fala na Carta de Paulo aos Gálatas?

Iniciando nossa caminhada...

**E**m 2021, quando se comemora os 50 anos do Mês da Bíblia no Brasil, o tema de estudo escolhido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é a Carta de Paulo aos Gálatas e o lema “*Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus*” (Gl 3,28d).

A Carta de Paulo aos Gálatas tem como tema principal a liberdade cristã diante da obrigatoriedade da lei mosaica para alcançar a fé em Cristo. Não foi escrita a partir de probabilidades, teorias, previsões ou sonhos, mas de situações e problemas concretos, causados por práticas conservadoras dos judeus, que estavam perturbando a vida dos cristãos na Galácia, fazendo com que Paulo percebesse a necessidade urgente de definir com firmeza a orientação da comunidade, a partir da “*verdade genuína do Evangelho*” (Gl 2, 5.14) (Gonzaga, 2014)<sup>1</sup>. Mazzarolo, (2013)<sup>2</sup> chama nossa atenção para o fato de que a Carta de Paulo aos Gálatas foi chamada “A Carta Magna da Liberdade Cristã”, porque a verdadeira liberdade vem do poder de Deus, em Jesus Cristo, e, se é para a liberdade que Cristo nos libertou, por que nos tornar escravos novamente? (cf. Gl 5, 1)

Como cristãos, em processo contínuo de conversão, não são poucos os momentos em que precisamos hoje, parar e buscar essa “*verdade do Evangelho*”. Paulo entende, vive e anuncia o que Deus nos fala no Evangelho aberto a toda a humanidade. Vamos seguir caminhando e ouvindo o que Deus nos fala.



## 1. Quem são os Gálatas?

De acordo com a maioria dos estudiosos sobre o tema, em 25 a.C. foi estabelecida a Província Romana da Galácia, que, politicamente, era formada pela Galácia propriamente dita, Psídia, Isáuria, partes da Licaônia, Panfília, Panflagônia, Frígia Oriental, o Ponto Polemoniano e a Armênia Menor, povos com línguas e costumes diferentes. Os destinatários da Carta aos Gálatas eram oriundos de um povo celta, que no início do século III a.C. emigraram para a região central da Ásia Menor e teriam se estabelecido na região, que circundava Ancira, que atualmente conhecemos como Ancara. Considerando que se trata dos Gálatas étnicos, ou Galácia do Norte, ou Galácia propriamente dita, era um povo flexível e que antes da evangelização de Paulo, não conhecia Deus como verdadeiro e único, eram descendentes de antigos gauleses, e tinham outras crenças (Gonzaga, 2014). Os Gálatas, de acordo com a sua formação religiosa, poderiam ser considerados povos “sem lei”, ao contrário dos judeus. Porém, Paulo afirma que a salvação dos Gálatas não depende do fazer parte do mundo judaico, mas na fé em Jesus Cristo (Mazzarolo 2013)<sup>2</sup>, pois “*de resto, nem a circuncisão é alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a nova criatura*” (Gl 6, 15).

## 2. Como está organizada a Carta aos Gálatas?

Segundo Leite (2014)<sup>3</sup>, somente na Carta aos Gálatas se encontra a narrativa de Paulo sobre sua própria trajetória e, além de destacar problemas das comunidades primitivas, é a mais importante das cartas paulinas, por causa de três aspectos. O primeiro é o biográfico, já que é a única onde o próprio Paulo narra sua trajetória (Gl 1,11-2, 21). O segundo apresenta-se como um texto testemunhal de discussões e tensões existentes no cristianismo primitivo. Por último, o fato de que não é uma carta destinada apenas a uma comunidade, mas tem por objetivo circular entre as comunidades cristãs da Galácia.

Para nos ajudar a manter a atenção em cada parte do assunto abordado pela Carta aos Gálatas, de acordo com Gonzaga (2014) temos:

I) Introdução - saudação inicial e endereço: 1,1-5

Paulo faz o anúncio e a defesa do Evangelho, destacando a autenticidade de sua missão apostólica.

II) Primeira parte - autobiografia: 1,6- 2,21

Deixa claro que nasceu judeu, assim como todos os seus antepassados; tinha um passado glorioso, como

judeu; que antes da conversão havia sido perseguidor da Igreja de Cristo; que seu Evangelho vem de Deus e não dos homens. Considerando-se a subdivisão: a) Um mesmo e único Evangelho (1,6-10); b) A revelação de Cristo na vida de Paulo (1,11-17); c) Primeira viagem a Jerusalém (1,18-24); d) A segunda viagem e Conferência de Jerusalém (2, 1-10); Paulo em Antioquia (2,11-21).

III) Segunda Parte - defesa da fé: 3,1-21

O Espírito é recebido por nós “pela fé” e não pelas “obras da lei”.

IV) Terceira Parte - filiação Divina: 4,1-31

Corresponderia ao centro da argumentação de Paulo sobre a liberdade cristã, que é oferecida de forma amorosa por Deus a todos, sem distinção.

V) Quarta Parte - liberdade e vida segundo o Espírito: 5,1-6,10

Introdução ao que seria a prática da liberdade cristã.

VI) Conclusão - escrita por Paulo mesmo: 6,11-18

Sem as saudações finais. Apresenta um resumo e conselhos específicos.

## 3. Iniciando nossa caminhada...

Cavicchioli (2005)<sup>4</sup> destaca que Paulo, ao levar o Evangelho de Cristo além das fronteiras da Palestina, tornou este anúncio universal, sem racismo e sem distinção de cultura ou classe social, admoestando sobre a igualdade de todos no Reino que Jesus anunciou, envolvendo mulheres, homens, crianças, ricos e pobres, livres e escravos (cf. Gl 3,28).

A firmeza e autoridade de Paulo no anúncio do Evangelho e, também, diante das dificuldades e contradições existentes nas comunidades cristãs podem nos inspirar no enfrentamento, reflexão e compreensão das dificuldades e contradições que existem hoje em nossa caminhada cristã.

Nos próximos números de nossa Revista Paz e Bem refletiremos sobre alguns versículos da carta de Paulo aos Gálatas, tentando identificar como Deus nos fala em nossas fraternidades e paróquias nos momentos de conflitos e dificuldades.

## 4. Para pensar:

***Olhando para sua fraternidade e sua paróquia, quais acontecimentos e situações precisam ser entendidos e resolvidos, de acordo com o Evangelho de Cristo?***

### Fontes citadas:

CAVICCHIOLI, M L S B. **A Cultura Clássica e o Magistério de Paulo de Tarso**. Maringá DFE/PPE, 2005.

GONZAGA, W. **A verdade do evangelho (Gl 2, 5-14) e a autoridade na Igreja**. Academia Cristã, São Paulo, 2014.

LEITE, F. B. **A epístola aos Gálatas e a nova perspectiva sobre Paulo: para compreender a discussão Paulina**. Kerygma, Engenheiro Coelho, SP, v.9, n. 1, p. 33-45, 2º Sem/ 2014

MAZZAROLO, I. **Carta de Paulo aos Gálatas: da libertação da Lei à filiação em Jesus Cristo**. Mazzarolo Editor, Porto Alegre, 2013

# BERNARDO

## De Quintavalle

Bernardo vestiu o hábito, uniu-se a São Francisco para viver a sua vida, e com ele ficou para sempre, até quando vindo a aumentar o número dos irmãos, foi enviado a outras regiões, em obediência ao piedoso Pai. (1 Celano 24)

Estamos em Assis, nos anos 1211-1212. Bernardo de Quintavalle, o primeiro a juntar-se e que dois anos antes havia escolhido para guia na viagem a Roma, foi o primeiro a ser enviado em missão. Bem educado e inteligente, e anteriormente rico e influente, Bernardo mantivera as boas maneiras e a civilidade, qualidades a que acrescentou uma profunda noção de serviço. No início daquele ano, Francisco pediu que fosse para Bolonha, ao norte, e Bernardo seguiu imediatamente.

Ao chegar, foi inicialmente alvo de zombaria e atacado por uma turba antes que pudesse dizer uma palavra; sua aparência estranha os fez acreditar que fosse um renegado ou bandido. Mas um magistrado o ouviu, reconheceu sua santidade e ficou impressionado com suas palavras. Não apenas se dispôs a juntar-se aos frades, mas também fez questão de apresentar Bernardo às autoridades da cidade para assegurar que o visitante fosse tratado com respeito e até mesmo veneração. Diante disso, Bernardo apressou-se em voltar a Santa Maria e disse a Francisco que alguém deveria ir a Bolonha para continuar sua tarefa. A honra, o respeito, e até mesmo a fama (especialmente em pagamento da piedade) eram distinções que ele rejeitava como se fossem uma doença.

Sua vida permaneceu profundamente contemplativa, mesmo quando trabalhava entre os pobres. Bernardo estava ao lado de Francisco quando este morreu e ainda viveu cerca de 20 anos mais, ao fim dos quais, depois de uma longa e dolorosa doença, sentou na cama com muita dificuldade. Voltando-se para os jovens frades que o cercavam, Bernardo disse:

“Queridos irmãos, não posso dizer-vos muitas palavras. Antigamente estive onde estais agora, e em breve estareis onde estou. Digo-vos que por nada desse mundo, nem por mil mundos belos como este, eu queria ter vivido de outra forma senão aquela em que vivi, e não havido servido a outro mestre a não ser Nosso Senhor Jesus Cristo. Suplico perdão pelas ofensas que cometi e vos peço, queridos irmãos, que vos ameis uns aos outros”.

Momentos mais tarde, Bernardo de Quintavalle expirava, com toda merecida reverência e devoção que tão vigorosamente havia recusado.



Donald Spoto  
São Francisco de Assis  
O santo relutante  
Objetiva, p. 171-172

# Provérbios, Ditos e Achados

## ●Quarentena

No século XIV, mais de um terço da população da Europa foi dizimada pela peste bubônica. O governo de Veneza, na Itália, temeroso que o mal viesse pelo mar, desde o Mediterrâneo, determinou que todas as embarcações chegadas à entrada da cidade deveriam permanecer isoladas durante quarenta dias antes que fosse permitido o desembarque dos viajantes. Estava inaugurada a quarentena (do italiano quarantana). Por que quarenta e não trinta ou cinquenta? Talvez por influência da Quaresma (do latim quadragésima), o período de quarenta dias da Quarta-feira de Cinzas à Páscoa, para jejum e penitência dos católicos.

Reinaldo Pimenta  
A Casa da Mãe Joana 2  
Editora Campus, p. 186

## ●O silêncio é de ouro

Esta frase já estava na boca de muitos povos quando o cineasta René Clair (1898-1981) a utilizou literalmente no original, como título de um filme, "Le silence est d'or", cujo tema é o cinema antigo, quando o som ainda não era utilizado. A aquisição da linguagem é etapa decisiva do desenvolvimento humano. Porém, tendo aprendido a falar, o homem precisa também aprender a calar. Daí a razão da sabedoria desta frase, presente em muitas outras línguas, algumas das quais acrescentam que "a palavra é de prata".

Saber calar e cultivar a discrição são recomendações tão antigas que estão presentes também em famoso livro da Bíblia, o Eclesiastes. No Brasil, a variante popular é: "Em boca fechada não entra mosca".

Deonísio da Silva  
A vida íntima das frases  
Editora Girafa, p. 181



## ●Pêsames

Vem da conjugação do verbo pesar, presente do indicativo, terceira pessoa do singular, acrescida do pronome oblíquo "me", perfazendo a expressão "pesa-me", depois levada ao plural sem o hífen. Quanto a pesar, veio do latim pensare, derivado de pendere, pendurar. O sentido conotativo indica que o sofrimento do outro está pendurado em nós e nos afeta. No Brasil colonial havia exagero na prestação de pêsames por escrito. Um manual setecentista recomendava que a carta de pêsames fosse escrita em letras tremidas, borrifadas com pingos d'água para indicar que a pessoa chorava ao escrever. Eis o exemplo de tal estilo na consolação de uma viúva: "Enxugue, Vossa Mercê, as santas lágrimas, que esta morte foi triunfo; a bondade de Senhor acolherá em graça a alma santa do irmão defunto".

Deonísio da Silva  
A vida íntima das palavras  
Ed. ARX, p. 364

## ●Nhenhêném

Vem do tupi nheem, dizer, falar. O vocábulo triplicado formou significado diverso, identificando com conversa mole, lamurienta, repetitiva sobre qualquer assunto. Diversas nações indígenas que os portugueses encontraram no Brasil eram muito loquazes, entre as quais a tupi e a guarani. Impacientes por não compreenderem o que tanto falavam diante deles, os colonizadores, ainda no século XVI, trouxeram o neologismo para a nossa língua, designando conversa vazia e sem sentido.

A vida íntima das palavras  
Citada, p. 331

MÁRCIO BERNARDO, Coordenador Nacional de Comunicação  
Pela Equipe Nacional de Formação

## **VEM E VERÁS:** “Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são”

**No dia 23 de janeiro foi publicada a mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais, que acontecerá no dia 16 de maio, Solenidade da Ascensão do Senhor. No texto abaixo, refletiremos como suas palavras podem nos ajudar na caminhada franciscana.**

Ao escolher o tema do Dia Mundial das Comunicações de 2021, que se baseia na passagem do Evangelho de São João (Jo 1, 46), o sucessor de Pedro nos chama a ‘ir e ver’. Esse é um grande apontamento “para toda a expressão comunicativa que queira ser transparente e honesta: tanto na redação dum jornal como no mundo da web, tanto na pregação comum da Igreja como na comunicação política ou social”. O Pontífice recorda que “vem e verás” foi a forma como a fé cristã se comunicou, começando pelos primeiros encontros às margens do rio Jordão e do lago da Galileia. Aos primeiros discípulos que o quiseram conhecer, depois do seu batismo no rio Jordão, Jesus respondeu: “Vinde e vereis” (Jo 1, 39), convidando-os a viver em relação com ele. O mesmo diz Filipe a Natanael.

Segundo o Papa Francisco, a fé cristã começa dessa forma e assim é comunicada: “com um conhecimento direto, nascido da experiência, e não por ouvir dizer”, algo muito atual nos tempos da (des)informação nos grupos de Whatsapp.

Francisco observa que “vir” e “ver” pressupõem dois movimentos. O primeiro deles é sair da presunção cômoda do “já sabido” e mover-se, ir ver, estar com as pessoas, ouvi-las. Isso requer transparência e honestidade intelectual. Mas, além do aspecto moral, “ir e ver” se refere a algo basilar: sair à rua,

“gastar a sola dos sapatos”, encontrar pessoas...

A situação explicada acima faz pensar em diversos aspectos da comunicação e compreender melhor a postura de três figuras especiais para nós, franciscanos: Jesus Cristo, Francisco de Assis e Francisco de Roma.

Jesus é tido por muitos teóricos como um grande comunicador: não à toa sua mensagem segue viva e com grande destaque mesmo dois milênios depois de sua passagem no meio de nós. Para Jesus é de extrema importância estar próximo da vida das pessoas. Para isso, se revestia à semelhança daqueles que iriam ouvir sua mensagem. Quando explicava algo para pessoas simples, utilizava parábolas, exemplificando de acordo com a realidade do povo. Ele se apresentava no meio de todos, conhecia suas histórias, seus desafios e esperanças. Jesus não só os conhecia, mas especialmente vivia como alguém do povo.

Francisco segue o exemplo do Mestre, valoriza o que vê de positivo nas pessoas, sem humilhá-las, pois enxerga a todos como criação divina. Assim ele “prepara o ouvinte”, motiva e valoriza as pessoas ao seu redor. A partir disso acontece o beijo no leproso, a solução do conflito entre o prefeito e o bispo de Assis, o diálogo com o Sultão em meio às Cruzadas e, também, o alcance da paz entre o lobo e os cidadãos de Gubbio.

Já o Francisco de Roma, inspirado nas duas figuras já citadas, reforça o caminho apontado com duas frases que marcam os quase oito anos de seu pontificado. A primeira delas quando se dirigiu aos sacerdotes, dias após assumir sua função, convidando-lhes a serem “pastores com cheiro de ovelhas”. A segunda delas, dita em várias ocasiões, mas marcada na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, quando nos exorta dizendo: “... prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.

Refletindo no caminho trilhado por eles, podemos concluir que não apenas a comunicação, mas nossa fé e nossa espiritualidade são definidas pelo encontro com o outro, numa troca, permitindo, como reforça o Papa Francisco em sua mensagem, que quem está à minha frente fale comigo, deixe que o seu testemunho chegue até mim.

Concluindo esse aspecto, o Papa Francisco escreve ainda: “Na comunicação, nada pode jamais substituir, de todo, o ver pessoalmente. *Algumas coisas só se podem aprender, experimentando-as.* Na verdade, não se comunica só com as palavras,



mas também com os olhos, o tom da voz, os gestos. O intenso fascínio de Jesus sobre quem O encontrava dependia da verdade da sua pregação, mas a eficácia daquilo que dizia era inseparável do seu olhar, das suas atitudes e até dos seus silêncios. Os discípulos não só ouviam as suas palavras, mas viam-No falar. Com efeito, n'Ele – Logos encarnado – a Palavra ganhou Rosto, o Deus invisível deixou-Se ver, ouvir e tocar, como escreve o próprio João (cf. 1 Jo 1, 1-3). A palavra só é eficaz, se se «vê», se te envolve numa experiência, num diálogo. Por esta razão, o «vem e verás» era e continua a ser essencial”.

É importante observarmos que estamos falando aqui de uma comunicação que vai além de uma conversa clichê ou só de um relato de fatos. Estamos tratando de uma comunicação honesta, aberta, visceral, que são bases para o encontro verdadeiro e pessoal. Podemos refletir melhor sobre isso a partir de um trecho da mensagem do Papa que diz: “Pensemos na quantidade de eloquência vazia que abunda no nosso tempo, em todas as esferas da vida pública, tanto no comércio como na política. *Fala muito, diz uma infinidade de nada. As suas razões são dois grãos de trigo perdidos em dois feixes de palha. Têm-se de procurar o dia todo para os achar, e, quando se encontram, não valem a procura.*”

Somente a partir do “vem e verás” e de uma abertura a um diálogo profundo, conquistados por uma dose extra de humanidade é que será possível transparecer e encontrar no outro aquele brilho no olhar, na palavra e nos gestos de tantos que testemunharam e seguem testemunhando Jesus Cristo.

A partir dessa perspectiva, precisamos retornar nosso olhar e nosso coração para a realidade de nossa vida fraterna. Relembramos que o serviço da Comunicação não é algo isolado dentro de nossas fraternidades, mas é parte da Equipe de Formação e um

processo integrador. Nesse sentido, é necessário recordar que nossas Diretrizes de Formação nos indicam elementos básicos harmoniosamente integrados. Eles perpassam por: Formação Humana, que apresenta noções básicas relativas à natureza do ser humano, os seus direitos e deveres enquanto “pessoa humana” e enquanto cidadão e cidadã de um determinado país; Formação Cristã, que aborda a doutrina dos princípios fundamentais da fé católica, com especial referência à Cristologia, à Eclesiologia, à Doutrina Social da Igreja para uma viva e qualificada presença na comunidade eclesial e civil (cf. GS 62); Formação Franciscana, que discute o conhecimento da vida de São Francisco, da história franciscana, especialmente da OFS, da Regra desde as primeiras origens e tradições; e, por último e não menos importante, Formação Apostólica Secular, ou seja, o aprofundamento da vida conforme a Regra da OFS, leva à conversão, que resulta na prática das obras de misericórdia, obtendo-se “dignos frutos de penitência”, isto é, a nossa salvação eterna.

**Resumindo: a formação passa pela vida, atinge a vida e é vida. Requer a partilha de experiências.**

Ainda de acordo com nossas Diretrizes, a Fraternidade é “o ambiente privilegiado para desenvolver o sentido eclesial e a vocação franciscana e ainda para animar a vida apostólica de seus membros” (Regra da OFS 22). Nesse contexto, a formação é uma ajuda aos irmãos e irmãs para reencontrar a novidade e a vitalidade da própria vocação, como Dom do Espírito no seguimento de Jesus, ao modo de Francisco de Assis.

Assim, cabe à Equipe de Formação buscar meios para proporcionar experiências que ajudem cada irmão e toda a fraternidade a viverem esse processo formativo (independente da etapa em que se encontrem) de forma integrada à vida, enxergando e vivendo a comunicação como uma aliada da realidade.

Pensando nisso, recorro novamente a um trecho da mensagem do Papa: “*Se não nos abrimos ao encontro, permanecemos espectadores externos...*”. Deixemo-nos questionar refletindo com essa frase.

Nossa Equipe de Formação, nosso Conselho e nossa Fraternidade conhecem a realidade de nossos irmãos que estão na formação? Sabemos onde vivem, conhecemos suas famílias, suas histórias de vida, sua realidade profissional, os desafios e alegrias que permeiam seus dias? Como podemos formar (que significa “dar forma”) alguém que mal conhecemos e cujas luzes e sombras talvez conheçamos apenas de modo superficial?

Qual tem sido nossa experiência de comunicação e encontro com nossos irmãos e irmãs que estão no SEI? A visita a eles é realizada apenas pelo responsável por esse serviço? Sua vida continua integrada à vida de nossa fraternidade? Os que entraram na Fraternidade após eles se afastarem por estarem enfermos ou idosos os conhecem? Que meios temos adotado para que consigam participar da vida fraterna?

Proponho essa reflexão a cada um de vocês e a mim mesmo, sabendo que não é fácil, mas reforçando que “Há mais de dois mil anos que uma corrente de encontros comunica o fascínio da aventura cristã. O desafio que nos espera é o de comunicar, encontrando as pessoas onde estão e como são”. (Papa Francisco)

Apenas no encontro com o outro “se vê a pessoa de Jesus Cristo, comunicador do Pai, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6), que revela o rosto amoroso de Deus que quer ser amigo, próximo. Ele quer relacionar-se conosco verdadeiramente, quer pensar em nós, amar por meio de nós, agir conosco e por nós. Ele nos quer unidos(as) a Ele para que produzamos frutos como ramos unidos à videira (Jo 15, 1-17).

**Em conclusão, oremos:**

*“Senhor, ensinaí-nos a sair de nós mesmos, e partir à procura da verdade. Ensinaí-nos a ir e ver, ensinaí-nos a ouvir, a não cultivar preconceitos, a não tirar conclusões precipitadas. Ensinaí-nos a ir aonde não vai ninguém, a reservar tempo para compreender, a prestar atenção ao essencial, a não nos distrairmos com o supérfluo, a distinguir entre a aparência enganadora e a verdade. Concedei-nos a graça de reconhecer as vossas moradas no mundo e a honestidade de contar o que vimos.”*

## CARLO ACUTIS, *Enamorado pela Eucaristia*

**C**ertamente nossos leitores tomaram conhecimento da beatificação do adolescente italiano Carlo Acutis pelo Papa Francisco, a 10 de outubro de 2020, na Assis de São Francisco. No dia seguinte a esta cerimônia, por ocasião do Ângelus em Roma, o Papa assim falou: "Ontem, em Assis, foi beatificado Carlo Acutis, um jovem de quinze anos, enamorado pela Eucaristia. Ele não se acomodou a uma confortável imobilidade, mas acolheu as necessidades de seu tempo, porque nos mais fracos via o rosto de Cristo. Seu testemunho indica aos jovens de hoje que a verdadeira felicidade se encontra colocando Deus em primeiro lugar e servindo-o nos irmãos, especialmente os últimos. Uma salva de palmas ao novo jovem Beato!"

Um jovem bem-aventurado vai caminhando para a canonização! Os santos são pessoas nas quais o Senhor opera maravilhas. Num rapazinho de quinze anos o divino escultor fez uma obra de arte de finíssima beleza. Por ocasião da cerimônia de beatificação foram lidas as seguintes palavras do Papa: "Com nossa autoridade apostólica, concedemos que o venerável servo de Deus Carlo Acutis, que, com entusiasmo da juventude, cultivou amizade com o Senhor Jesus, colocando a Eucaristia e o testemunho de caridade no centro da própria vida, a partir de agora, seja chamado Beato e que seja celebrado todos os anos nos locais e de acordo com as regras estabelecidas pelo direito, em 12 de outubro, dia de seu nascimento para o céu".



### ACENOS BIOGRÁFICOS

Carlo Acutis nasceu em Londres em 1991, de pais italianos - Andrea e Antonia Salzano - que estavam na cidade por motivos de trabalho. Foi batizado em 18 de maio na Igreja de Nossa Senhora das Dores. Em setembro de 1991, a família retornou a Milão.

Em 16 de junho de 1998, recebeu a Primeira Comunhão, mais cedo do que de costume, graças a uma permissão especial. A celebração teve lugar no mosteiro das irmãs de clausura das Romitas da Ordem de Santo Ambrósio. Recebeu o Sacramento da Confirmação, em 24 de maio de 2003, na Igreja de Santa Maria Segreta, pelas

mãos de Dom Luigi Testore, ex-secretário do Cardeal Carlo Maria Montini, antigo arcebispo de Milão.

Aos quatorze anos, passou a estudar o currículo clássico do Instituto Leão XIII de Milão, dirigido pelos padres jesuítas, onde teve ocasião de desenvolver sua personalidade. Com um estudante de engenharia da computação, passou a cuidar do site da Paróquia de Santa Maria Segreta. Decidiu dedicar parte de seu tempo à preparação de crianças para a Confirmação. Tudo no meio de tantas ocupações.

Com a idade de quatorze anos projetou o novo site para o voluntariado do Instituto Leão XIII. Passou todo o verão de 2006 projetando o site para esse projeto. Organizou também o site da Pontifícia Academia *Cultorum Martyrum*.

Pela sua disponibilidade, esteve sempre no centro das atenções dos amigos também porque os ajudava no uso do computador e seus programas. Familiares e outras pessoas de seu relacionamento usufruíam de sua ajuda no manejo do revolucionário engenho. Imaginem hoje o tempo da pandemia sem internet.

### *Espiritualidade*

Uma das particularidades de Carlo é que gostava de passar as férias em Assis, na casa da família. Aprendeu a conhecer São Francisco, com quem aprendeu o respeito pela criação e a dedicação aos mais pobres. Envolveu-se em um concurso de caridade em favor dos necessitados, dos sem teto, dos migrantes que ajudava também com o dinheiro economizado de sua mesada semanal.

O centro da espiritualidade de Carlo era o encontro diário com o Senhor na Eucaristia. Dizia: “A Eucaristia é meu caminho para o céu”. Quanto mais recebemos a Eucaristia, mais nos assemelhamos a Jesus e vivemos já o céu na terra. É esta a síntese e o centro de toda a sua existência vivida na amizade com Deus. Depois da Primeira Comunhão passou a ir à missa todos os dias com a permissão de seu diretor espiritual. Não podendo ir, fazia em casa uma comunhão espiritual.

Como apóstolo da Eucaristia, escolheu usar seu talento de informática para projetar e criar uma exposição internacional a respeito dos “Milagres eucarísticos”. Trata-se de uma resenha fotográfica com descrições históricas de alguns dos principais milagres eucarísticos (cerca de 136) ocorridos ao longo dos séculos em vários países do mundo e reconhecidos pela Igreja. Desenhou um esquema do

Rosário, que rezava todos os dias, que reproduziu com seu próprio computador

### *O tempo da enfermidade e da “páscoa”*

Em outubro de 2006 veio a adoecer com leucemia do tipo M3, considerada a forma mais agressiva, inicialmente confundida com simples gripe. No começo foi internado numa clínica de Milão, mas com o agravar-se da enfermidade foi transferido para o Hospital São Geraldo de Monza, especializado no tipo de leucemia que o acometeu. Poucos dias antes de ser hospitalizado, ele ofereceu sua vida ao Senhor pelo Papa, pela Igreja e para ir direto para o céu. Naquele hospital recebeu a unção dos enfermos. Enfermeiros e médicos, que acompanharam Carlo naquele momento, recordam-se dele com muito carinho. A morte cerebral ocorreu em 11 de outubro de 2006 e seu coração parou de bater às 6h45 de 12 de outubro.

A notícia de sua morte se espalhou rapidamente entre seus colegas de classe. Quando o corpo foi levado para casa, foi um fluxo contínuo de pessoas que foram para dar-lhe o último adeus. O funeral foi celebrado na Igreja de Santa Maria Segreta, em 14 de outubro. Mais tarde, em fevereiro de 2007, seus restos mortais foram transferidos para Assis.

Cabe aqui lembrar o milagre operado pela intercessão de Carlo. O menino Matheus Viana, da cidade de Campo Grande - MS, sofria de pâncreas anular. Tudo o que ingeria, mesmo líquidos, vomitava. Na paróquia em que residia fazia-se celebrações e expunha-se relíquia de Carlo e com essa era dada a bênção. Na fila, Matheus perguntou o que havia de pedir: “Parar de vomitar”. E foi o que aconteceu. Isso se passava a 12 de outubro de 2013, data do aniversário de falecimento de Carlo Acutis. O menino ficou curado. Em 14 de novembro de 2019 foi confirmado o milagre pelas autoridades competentes.

Como leigo, Carlo soube reavivar o fervor e a prática cristã em muitas pessoas consagradas e mesmo em sacerdotes. Foi uma autêntica testemunha da veracidade da parábola da videira e dos ramos. Procurou sempre estar apegado à seiva vital do tronco da videira, Cristo Senhor, para dar frutos abundantes em tudo o que fazia e planejava. Seus restos mortais foram transferidos para o Santuário do Despojamento (de Francisco), Igreja de Santa Maria Maior, em Assis.

*(Fonte: Vatican News)*

### **MENSAGEM DO BEATO CARLO ACUTIS**

*Para os jovens de hoje, Carlo diz que existem valores que vão além do momento presente e se projetam para o futuro. Com seu testemunho, ele afirma que as modas são passageiras e a mentalidade dominante no momento não são valores absolutos, mas miragens e espelhos que degradam a dignidade humana. Com seu exemplo, Carlo indica a seus colegas que não pode haver concessões ou meias medidas em relação aos princípios morais. Ele pede para estarem atentos, vigiarem, para que os interesses comerciais, sociais e políticos não reduzam o homem a um fantoche ou a um simples executor de filosofias estereótipos e condenados a morrer.*

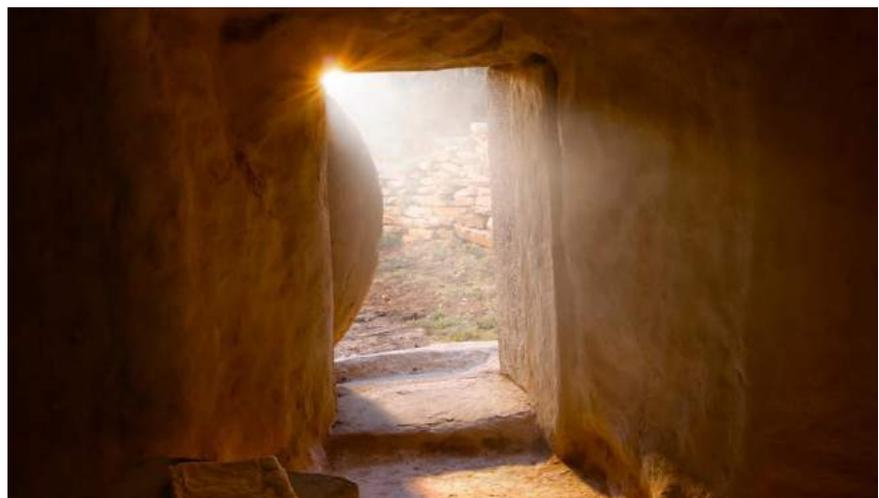
*Para os desanimados, para os desiludidos pela vida, aos que sofrem, para aqueles que estão perturbados, sozinhos e abandonados, o Servo de Deus indica a Eucaristia, o Emanuel, Deus conosco. A presença real de Jesus na Hóstia consagrada foi uma verdade alicerçada na rocha. Era a garantia de que o homem não fica sozinho, mesmo quando tudo parece desabar sobre ele.*

## O SENHOR VIVE, ELE RESSUSCITOU!

João 20, 1-18

Reflexão inspirada em texto de Éloi Leclerc

*Mulher, por que choras? A quem procuras? Possuís aquele que buscas, e o ignoras? És dona de verdadeira alegria e estás chorando? Tens dentro de ti quem fora procuras. Realmente estás junto ao sepulcro, chorando do lado de fora. Tua mente é meu sepulcro. Aí descanso, não morto, mas vivo para sempre. Tua mente é meu jardim. Com razão julgaste ser eu um jardineiro. Pois sou o segundo Adão: trabalho no jardim do paraíso e montei a guarda. Teu choro, teu amor e teu desejo são obras minhas: tens-me dentro de ti e não sabes; por isso é que me procuras fora. Eis que vou aparecer também do lado de fora, a fim de levar-te para dentro, a fim de encontrares dentro quem fora procuras. Maria (Jo 20,16), eu te conheço pelo nome, aprende a conhecer-me pela fé (Da meditação sobre a Paixão e Ressurreição do Senhor de um autor do século XII, Lecionário Monástico III, p. 31).*



Era o primeiro dia da semana depois dos trágicos acontecimentos da sexta-feira. Bem de madrugada, quando tudo estava escuro, Maria Madalena, cheia de dor e de saudade, foi ao sepulcro daquele que lhe havia seduzido o coração. Queria prestar uma última homenagem àquele a quem considerava seu Mestre e Senhor.

“Quando lá chegou, ficou estupefata e angustiada ao verificar que o túmulo estava aberto. A pedra tinha sido retirada. Sem perder um instante, correu a prevenir Simão Pedro e o outro discípulo, de quem Jesus era especial amigo. Ambos acorrem de imediato. Ambos veem o túmulo aberto. Entrando nele descobrem as faixas no chão e, dobrado à parte, o sudário que lhe cobrira a cabeça. João “viu e acreditou”, diz o evangelho. Mas nem ele nem Simão Pedro viram o Senhor. E regressaram à casa. Maria, essa continuou ao pé do túmulo, banhada em pranto, com o olhar fixo na abertura escancarada. O espanto inicial deu lugar à desolação. Não pôde conter as lágrimas”.

Compreende-se que assim experimentasse dor profunda. Jesus tinha sido para ela a luz da vida. Ele a havia libertado de tantas coisas. Ela, com seu apaixonado amor, o seguiu até o fim, até junto da cruz. Naquele primeiro dia da semana, depois do descanso do sábado, para permanecer um tempo junto de seus restos mortais, dirigiu-se ao jardim. Ele não estava mais lá. Não bastava que o tivessem eliminado da terra. Agora até seu corpo desaparecera. “Aos olhos de Maria Madalena o céu e a terra estavam privados de luz. Ela vivia um desses momentos de profundo desespero em que uma pessoa não

consegue libertar-se da ideia de que o mundo não tem sentido perante o vazio onde se afundam todas as esperanças, certezas e amores”.

Anjos vestidos de branco, conversam com aquela que era toda lágrimas: “Mulher, por que estás a chorar?”. Ela respondeu: “Levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram!” Maria não experimenta espanto diante da presença desses seres luminosos. Esses anjos constituíam luz que não a ilumina. Só pensa numa coisa: alguém havia roubado o seu Senhor. Não viera ao sepulcro à procura de uma pessoa viva, mas dos restos mortais daquele que ela tanto amava.

O Senhor estava ali, naquele jardineiro. Mas ela não tinha condições de reconhecê-lo. Afinal de contas, ela tinha vindo buscar um morto. “Com os olhos inundados de lágrimas até se compreende que não o tenha reconhecido pelo seu aspecto. Mas nem mesmo pela voz o identificou, tão firme estava com a ideia de encontrar apenas um corpo inerte. Imaginando que fosse o encarregado da propriedade, suplicou: “Se foste tu quem o retiraste, diz-me onde o puseste, que eu vou lá buscá-lo!”

Jesus chamou-a pelo nome. Esse nome Maria ecoou fortemente na dor de seu interior. “Essa palavra simples pronunciada num tom afetoso em que Jesus a terá dito, surtiu um efeito mágico: Maria, como que despertou, liberta de um pesadelo. Abriram-lhes os olhos, ficou delirante. Era ele, o Mestre, o Senhor! “Rabuni!”, exclamou ela. E num arroubo um tanto estouvado, quer tocar-lhe, agarrá-lo, prendê-lo... como se temesse vir a perdê-lo de novo, vê-lo

desaparecer-lhe diante dos olhos. Não. Não se trata de sonho nem de ilusão. Ela está a tocar-lhe, embora ele resista: “Deixa-me porque ainda não voltei para meu Pai. Mas vai ter com meus irmãos e dá-lhes o recado que eu volto para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus”. Palavras espantosas, cheias de mistério e também preñhes de sentido, encerrando toda a mensagem pascal que é uma mensagem e vida”.

No seu enlevo impulsivo, Maria imaginava ter reencontrado Jesus tal como o tinha conhecido antes. Apressava-se em colocá-lo em seu quadro natural: peregrinações, descansando, orando na montanha. Esse Jesus era a mesma pessoa que ela antes conhecera. Agora, no entanto, já não era o Rabi. Não se deixava encerrar num universo limitado e familiar. Passou a ser o Senhor dos vivos. Foi isso que Jesus tentou fazer com que ela compreendesse. Ela estava de volta para o seu Pai e nosso Pai.

“As palavras que ele então lhe dirige são um convite a que ela o procure exatamente onde agora se encontra, onde vive em plenitude, voltado para o Pai. Um convite a descobri-lo no movimento profundo do seu ser, no seu retorno para o Pai. “Estou de volta para o meu Pai e vosso Pai”. Há que entender estas palavras como o ruído de uma torrente caudalosa a refluir para a nascente donde emanara. Nesse movimento de retorno, Jesus não vai sozinho: sobe para o Pai com todos os seus irmãos. É a humanidade inteira a ser guindada para a luz. É o velho

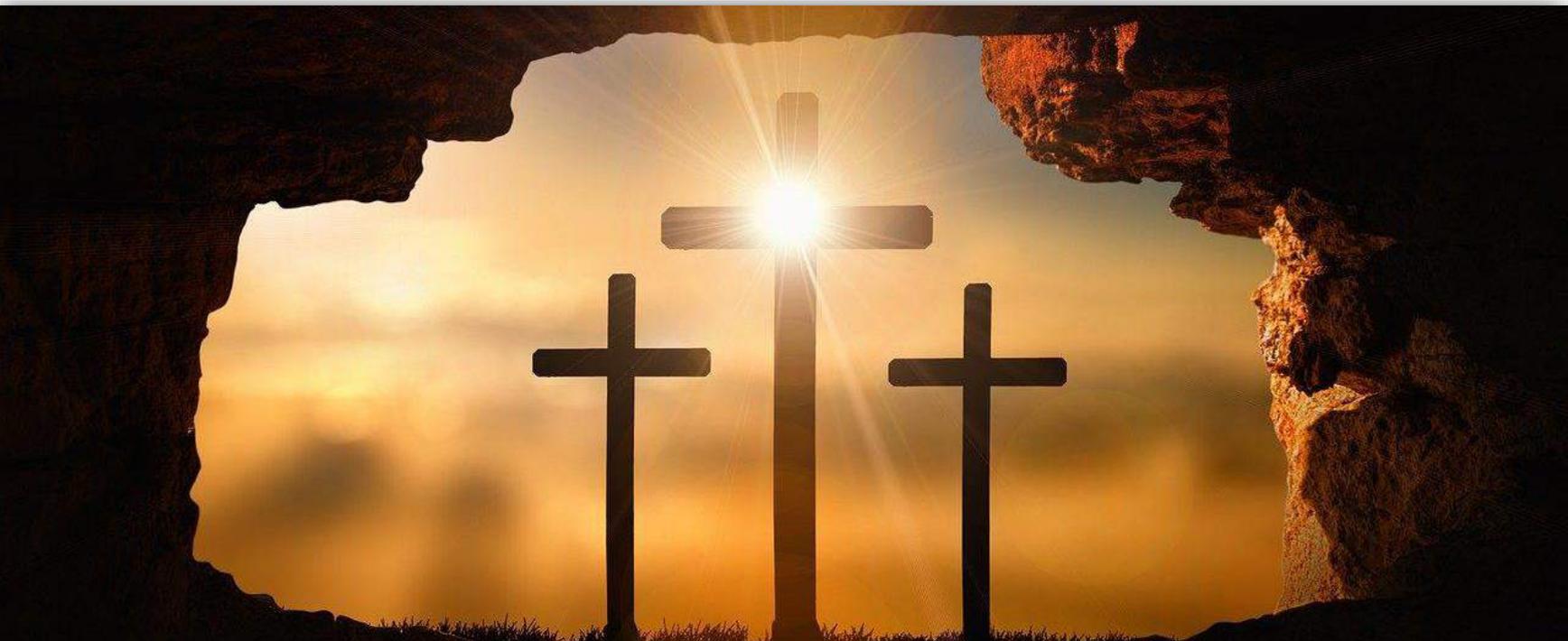
desejo do homem de atingir nele a plenitude de vida. “Quando eu for elevado da terra, hei de atrair todos a mim”, tinha ele declarado (Jo 12, 32). Maria Madalena pretendia reter Jesus. Ele, por sua vez, convida-a, juntamente com todos os seus irmãos, a seguirem-no em seu movimento. É um convite à participação no júbilo pascal, na alegria da comunhão com o Pai: “Se me tivésseis amor, até vos alegraríeis com minha ida, sabendo que eu vou para o Pai...” (Jo 14,28). Jesus quer que sua alegria se comunique a nós, pois foi abrir-nos o caminho e leva-nos consigo para o seio do Pai, no seu regresso vitorioso”.

Terminamos com José Antonio Pagola: “Se quisermos encontrar-nos com Cristo ressuscitado, cheio de vida e de força criadora, devemos buscá-lo não numa religião morta, reduzida ao cumprimento e à observância externa de leis e normas, mas onde se vive segundo o Espírito de Jesus, acolhido com fé, com amor e com responsabilidade por seus seguidores” (...). “Não vamos encontrar aquele que vive numa fé estagnada e rotineira, gasta por todo tipo de lugares comuns e fórmulas vazias de experiência, mas buscando uma qualidade nova em nossa relação com Ele e em nossa identificação com seu projeto. Um Jesus apagado e inerte, que não apaixona nem seduz, que não toca os corações nem transmite sua liberdade, é um “Jesus morto”; não é o Cristo vivo, ressuscitado pelo Pai. Não é aquele que vive e faz viver” (*O Caminho aberto por Jesus - João, Vozes, p. 238-239*).

#### QUESTÕES:

- ❖ O que mais chama sua atenção na leitura de João 20, 1-18?
- ❖ Por que Maria não conheceu o Senhor?
- ❖ Como compreendemos a figura de Jesus ressuscitado?

**Texto apoiado em:**  
*Vida em Plenitude, cap. 9 Jesus vivente*  
Éloi Leclerc, Braga (Portugal)





*Nota da Redação: este artigo é uma adaptação do original, publicado inicialmente no site da Província Santa Cruz, OFM, com o título “Economia de Francisco, um outro modelo é possível”*

**P**revisto para março de 2020, depois adiado para novembro do mesmo ano, o encontro mundial denominado Economia de Francisco, convocado pelo Papa, visa ser um espaço de discussão a respeito de novos modelos econômicos viáveis perante a selvageria do capital. (...) Nessa ocasião, apresentaremos brevemente do que se trata tal proposta, suas motivações e as expectativas.

### A Encíclica *Laudato Si'*, motivadora de processos

Em 2015, o Papa Francisco ao apresentar a encíclica *Laudato Si'*, demonstrou a íntima ligação entre a questão ambiental e os interesses econômicos. A degradação ambiental está diretamente relacionada a um determinado modelo econômico. Não considerar este vínculo empobrece a reflexão e não permite perceber propriamente a “raiz humana da crise ecológica” (capítulo 3 da Encíclica).

*Laudato Si'* não é uma encíclica ‘verde’, romântica ou desesperançada. Ao apontar a relação entre eco-logia e economia, o papa aponta para a gravidade dos problemas socioambientais, ocasionados por um modelo pautado pelo capital, pelo lucro, pela exploração inveterada. “A aliança entre economia e tecnologia acaba por deixar de fora tudo o que não faz parte dos seus interesses imediatos” (*Laudato Si'*, n. 54) e todo projeto de longo prazo fique comprometido.

Daí emerge a preocupação pelas futuras gerações, que certamente terão uma qualidade de vida muito mais desafiadora que a nossa, que já estamos colhendo os frutos dos maus tratos para com o ambiente. Tais mutações “são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade” (*Laudato Si'*, n. 25).

*Laudato Si'* não é um documento apocalíptico, no sentido de proclamar o Armagedon, um ‘salve-se quem puder’, ou que a única coisa a se fazer seja sentar,

chorar e esperar o fim. No entanto, se o sentido de Apocalipse for ‘revelação’, talvez possamos entender de outra forma: como uma grande revelação de interesses obscuros, à custa de milhares de vida, consideradas somente do ponto de vista financeiro.

Ao final da Encíclica, o Papa Francisco convida à conversão ecológica, que passa por atitudes individuais, mas também pelos processos de produção das grandes corporações, dos donos do dinheiro, como ele costuma dizer. Uma conversão “que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa” (*Laudato si'*, n. 217).

### Os desdobramentos da *Laudato Si'*

Curiosamente, a recepção da *Laudato Si'* foi maior fora da Igreja do que nas próprias estruturas eclesiais. Técnicos em meio ambiente, organizações não governamentais, associações das mais diversas elegeram a Encíclica como cartilha para suas orientações. Internamente na Igreja, no entanto, houve um alvoroço inicial, como os documentos do Magistério costumam provocar, mas logo foi escorregando para os cantos. “É a forma como o ser humano se organiza para alimentar todos os vícios autodestrutivos: tenta não os ver, luta para não os reconhecer, adia as decisões importantes, age como se nada tivesse acontecido” (*Laudato Si'*, n. 59).

O fato é que *Laudato Si'* não é um texto para católicos ou que professam uma determinada fé. É um manual para saber a quantas andam as reflexões mais atuais sobre ecologia. Sabemos que nos bastidores estão muitos especialistas e que o papa os proibira de indicarem teoria, hipóteses, mas somente dados e ações de efetividade comprovada.

Com esse documento, deu-se início a outros processos de reflexão, igualmente importantes. Podemos considerar que o fruto imediato fora o Sínodo da Amazônia (2019), que mobilizou centenas de pessoas ligadas diretamente à Floresta, como as populações ribeirinhas, indígenas e comunidades não só no Brasil, mas também nos outros oito países que compõem a Panamazônica, bem como tantas pessoas e entidades interessadas em refletir sobre “novos caminhos para a Igreja e por uma ecologia integral”. Houve mesmo quem provocasse: mesmo que o Sínodo não resultasse em grandes propostas, só o processo de preparação já teria feito valer a pena.

Voltemos às questões econômicas. Francisco está consciente de que a degradação ambiental não pode ser entendida senão à luz dos interesses econômicos atuais. É a mão invisível do Mercado a dar as ordens, subjungando inclusive a política dos países, pois as diversas tentativas de acordos climáticos, p.e., não chegam a propor nada muito radical, uma vez que as grandes corporações assim não o permitem. “Há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse econômico chega a prevalecer sobre o bem comum e

manipular a informação para não ver afetados os seus projetos” (*Laudato Si'*, n. 54).

Ao tratar de uma ecologia integral, que considere o ser humano no centro das discussões, e não fora delas, como por muito tempo se fez, *Laudato Si'* pontua o vínculo inseparável entre abordagem ambiental e social (n. 49), uma vez que as populações mais pobres, e não só elas, sofrem as consequências de um modelo econômico que privilegia as especulações financeiras, o progresso – visto como superação da natureza – e que vitimiza milhares de vidas mundo afora, muitas delas forçadas a deixar suas terras e migrarem rumo ao desconhecido.

O problema seria a falta de recursos? Sabemos que não. O economista Ladislau Dowbor esclarece que “no mundo se produz anualmente 85 trilhões de bens e serviços por ano, o que, razoavelmente distribuído, asseguraria 15 mil reais por mês por família de quatro pessoas (...). Nosso problema não é de capacidade de produção, e sim de saber o que produzimos, para quem, e com que impactos ambientais. O grande desafio é o da governança do sistema, desafio sem dúvida técnico, mas sobretudo ético e político” (Site: Outras Palavras, 22.10.19).

Tratar das questões econômicas faz pousar o olhar sobre a plasticidade do capitalismo, a qual permite que ele assuma o espírito do tempo até se tornar senhor do tempo e do espaço. “O velho capitalismo reconciliou-se com sua natureza inquieta e criativa. Tão inquieta e criativa que rapidamente transmutou a concorrência perfeita em concorrência monopolista”, observa o economista Luiz Gonzaga Belluzzo. “Se antes o capitalismo era ruim, ao menos gerava recursos para o Estado, podendo se pensar um Estado de bem-estar a partir de suas bases. No entanto, agora se faz ainda mais perverso pela perspectiva individualista que assume. Livre, leve e solto em seu peculiar dinamismo, amparado em suas engrenagens tecnológicas e financeiras, o ‘Velho Cap’ promoveu e promove a aceleração do tempo e o encolhimento do espaço. Esses fenômenos gêmeos podem ser observados na globalização, na financeirização e nos processos de produção da indústria 4.0” (BELLUZZO, Revista IHU, 10/6/2019, p.12).

A frase de Francisco é contundente: “esta economia mata!” Durante o encontro com os movimentos populares em Santa Cruz de la Sierra, (09.07.2015), o papa argentino profetizava: “Os seres humanos e a natureza não devem estar a serviço do dinheiro. Digamos ‘não’ a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta

economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra”.

Em sua encíclica mais recente, papa Francisco coloca ainda mais o dedo na ferida e “dá nome aos bois”, ao apontar o sistema neoliberal como o grande responsável pela grande desigualdade entre as pessoas. Embora haja muitos que o defendam, o mercado não resolve tudo. O neoliberalismo reproduz-se sempre igual a si mesmo, recorrendo à mágica teoria do ‘derrame’ ou do ‘gotejamento’ – sem a nomear – como única via para resolver os problemas sociais, sem se dar conta de que a suposta redistribuição não resolve a desigualdade. Na *Fratelli Tutti* (2020), Francisco defende uma política econômica ativa, que favoreça a diversificação produtiva e a criatividade empresarial “para ser possível aumentar os postos de trabalho em vez de os reduzir” (*Fratelli Tutti*, n.168).

Em contraponto a uma economia financeira, o papa elogia as iniciativas dos movimentos populares, com estratégias econômicas de ajuda mútua. Essas iniciativas crescem de baixo, do subsolo do planeta, são ‘poetas sociais’. Com essas iniciativas “será possível um desenvolvimento humano integral, que implica superar a ideia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres, e muito menos inserida num projeto que reúna os povos” (*Fratelli Tutti*, n.169).

### O encontro em Assis

O movimento por uma nova economia foi quase a consequência imediata. Aqui no Brasil, o evento logo foi denominado Economia de Francisco e Clara, visto a grande importância das mulheres nos processos econômicos, desde o nível doméstico até em grandes organizações.

Passemos a apresentar algumas de suas características. Em primeiro lugar, salta aos olhos o público convidado: não velhas cabeças, veteranos na economia, mas jovens de até 35 anos. Se queremos uma nova economia, o protagonismo deverá ser dos jovens, que têm mostrado uma visão de mundo muito mais integradora e respeitosa.

Na carta de convocação, Francisco diz que essa nova economia “faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um ‘pacto’ para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã. Sim, é necessário ‘re-animar’ a economia!” (FRANCISCO, 01.05.2019).

Dessa forma, desencadeou-se um grande movimento global em preparação a este encontro que, como já dissemos, teria sido em março de 2020, depois adiado para novembro do mesmo e agora adiado novamente para 2021. De fato, isso não foi ruim, afinal, assim como se dera no Sínodo da Amazônia, o processo de preparação talvez seja até mais importante do que o evento em si. Muitos grupos foram organizados, muitos eventos realizados, e agora com a pandemia, há *lives* quase diárias a respeito do tema. No *Facebook*, o grupo “Articulação brasileira pela economia de Francisco” já tem mais de 2300 inscritos. Ou seja, a ideia pegou!

(...)

### Iniciar processos

Na Exortação pós-sinodal *Evangelii Gaudium* (2013), Francisco já alertava de que devemos estar mais preocupados em iniciar processos do que possuir espaços (n. 223). “Às vezes interrogo-me sobre quais são as pessoas que, no mundo atual, se preocupam realmente mais com gerar processos que construam um povo do que com obter resultados imediatos que produzam ganhos políticos fáceis, rápidos e efêmeros, mas que não constroem a plenitude humana” (*Evangelii Gaudium*, n. 224).

Iniciar processos, eis a chave. *Laudato Si'* iniciou um bonito e desafiante processo. Essa peça do dominó moveu o Sínodo da Amazônia, move a Economia de Francisco, mas não para por aí: estava previsto para este ano o encontro do Pacto pela Educação, ligado também a todo este contexto. Este encontro também deve acontecer no próximo ano.

Quais serão os frutos desses debates sobre economia, não o sabemos. Mas já estamos tocando no assunto, sabemos da necessidade de uma nova dinâmica econômico-social, aglutina-se mais e mais pessoas dispostas em discutir tal proposta. Como disse, as preparações e reverberações talvez sejam mais inspiradoras do que o encontro em si, que deve ter uns três dias de duração.

Papa Francisco vai contornando de todos os lados a fim de construir um novo modelo de sociedade, mais integral, mais fraterno, mais consciente em relação ao lugar do ser humano como guardião da obra criada. Tudo isso sob a inspiração do *Poverello* de Assis, que, sem dúvida nenhuma, é seu santo de cabeceira nessas horas. O santo de Assis “recebeu no seu íntimo a verdadeira paz, libertou-se de todo o desejo de domínio sobre os outros, fez-se um dos últimos e procurou viver em harmonia com todos” (*Fratelli Tutti*, n.4). Sigamos as inspirações de Francisco, o de Assis e o de Roma.

# Jufrista professor? O que isso significa?

*“Não tem sentido uma JUFRA desligada da OFS ou que não leva à OFS”  
(Seguindo Francisco – Frei Eurico de Melo, OFMCap)*

Diante da caminhada Formativa da Juventude Franciscana (JUFRA) do Brasil são apresentadas diversas etapas: a de iniciantes (EFI), quando o jovem entra na fraternidade buscando conhecer a espiritualidade franciscana; depois a da Formação Base (FBJ), onde o jufrista aprofunda a sua vivência como cristão franciscano; e, em seguida, a da Formação Franciscana Secular (EFF), onde trabalhamos a maturação da vocação, mostrando que ao passo que o jufrista vai crescendo em *“sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens”* (Lc 2, 52), ele vai aprofundando a sua vocação, ajudando no processo de Renovação da Ordem Franciscana Secular (OFS), dentre tantos outros objetivos.



Chegando nessa última etapa de formação descrita, o irmão/ã é chamado de jufrista formando, ou seja, ele já participa das duas fraternidades, da OFS e da JUFRA, contribuindo para o desenvolvimento das mesmas, até mesmo na questão financeira, não podendo esquecer de nenhuma delas, pois sabemos que a contribuição fraterna ajuda-nos a trabalhar duas dimensões, a do cuidado e da partilha, lembrando o gesto das primeiras comunidades cristãs. O Diretório das

Mútuas Relações entre JUFRA e OFS, é claro ao nos apresentar em seu ponto 3: **“A OFS aceita como Tempo de Formação para admissão à Profissão a Etapa de Formação Franciscana (EFF)”**.

É importante lembrar a importância desse documento citado, pois como bem nos lembrou a mensagem celebrativa pelos seus 35 anos em 2019: *“o ‘Acordo de Anápolis’ (1984) foi o primeiro esforço de reconhecimento mútuo e ‘retorno à*

*unidade’ como previsto no projeto de criação da JUFRA. Este acordo foi assumido pelo ‘Diretório de Mútuas Relações entre OFS e JUFRA’ e, posteriormente, promulgado nas novas ‘Constituições Gerais da OFS’ (aprovadas em 2000) e no ‘Estatuto Nacional da Ordem Franciscana Secular do Brasil’, criando assim um arcabouço institucional que possibilitou o acolhimento dos jufristas nas fraternidades da OFS’*. Tendo como base esse documento, podemos

nos perguntar: existe ainda hoje fraternidades de OFS que não reconhece a caminhada formativa da JUFRA? É uma bela reflexão.

Ao final dessa etapa, diante de Deus e dos irmãos, o jufrista emite a sua Profissão na OFS. Tendo a idade compatível com a JUFRA (15 anos aos 30 anos incompletos, dentre outros casos) ele ainda continua participando das duas fraternidades, podendo desenvolver os serviços em todos os níveis, quer seja do Secretariado Fraternal da JUFRA ou do Conselho da OFS. Podemos nos perguntar: quais são os outros casos que fazem com que o jufrista participe dessas duas fraternidades? A resposta é simples: quando o jufrista assume um serviço na JUFRA e no decorrer do desenvolvimento do serviço completa 30 anos, como ele ainda possui um vínculo com a JUFRA, ele finaliza esse período de serviço, continuando na fraternidade jufrista, com todos os seus direitos e deveres garantidos,

finalizando esse processo quando “findar” o mandato do referido serviço.

As considerações gerais acerca das diretrizes da JUFRA do Brasil, nos apresenta o seguinte ponto: “*d) Para o(a) jufrista professo(a) compreende-se a Formação Permanente na OFS como etapa formativa específica, tendo este(a) todos os direitos e deveres nas duas fraternidades a que pertence*”. Sabedores desse ponto, devemos ter uma maior atenção para com ele, para que incentivemos os irmãos jufristas professores a cuidar de sua formação, uma vez que ela é um processo contínuo e será pela vida toda. Diante disso, podemos nos perguntar: Conhecemos jufristas professores? Ajudamos eles na sua dupla pertença às fraternidades de JUFRA e OFS? Incentivamos eles a assumirem verdadeiramente a formação permanente na OFS, como reflexo do cuidado para com o irmão que chega?

Outro ponto a ser observado é a tranquilidade com que deve ser levado

a essa dupla pertença, especialmente para o jufrista professo, que como nos diz o salmista: “*Oh, como é bom, como é agradável para irmãos unidos viverem juntos*” (Sl 133,1), sempre trazendo o aspecto do cuidado para com a fraternidade, ou seja, com cada irmão e irmã que a compõe.

Por fim, celebrando os 50 anos da Juventude Franciscana do Brasil, sempre de braços com a vida em missão na história e rememorando a Carta de Guaratinguetá: A JUFRA que queremos ser, como marco na história do nosso movimento, queremos cada vez mais reafirmar que: “*Como jovens franciscanos, comprometemo-nos a nos relacionarmos com todos os ramos da Família Franciscana, fomentando e intensificando sobretudo os laços com a Ordem Franciscana Secular (OFS), despertando em nós o desejo de professar a Regra e a Vida da OFS, como um caminho natural de nossa vocação franciscana*”.

**José Douglas Soares Cordeiro de Souza, OFS/JUFRA**

(Secretário Fraternal Nacional da JUFRA do Brasil e Coordenador de Formação Local da OFS) e

**Roseane Morais Santos, OFS/JUFRA**

(Animadora Fraternal Regional para a JUFRA (PE/AL))



# Não deixe de renovar sua assinatura da Revista Paz e Bem!

Estamos oferecendo planos para assinatura anual e bianual e você pode pagar por transferência, depósito ou PIX.

Que tal garantir já a renovação da sua assinatura da Paz e Bem, a revista mais franciscana do Brasil?

Agora você pode optar por duas modalidades de assinatura:

**Assinatura Anual: R\$ 50,00 (Cinquenta reais), com direito a 06 (seis) exemplares**

**Assinatura Bianual: R\$ 90,00 (Noventa reais), com direito a 12 (doze exemplares)**

Após escolher sua modalidade de assinatura, **você pode fazer seu pagamento através de depósito, transferência entre contas ou PIX** em um dos bancos abaixo:

• **Bradesco**

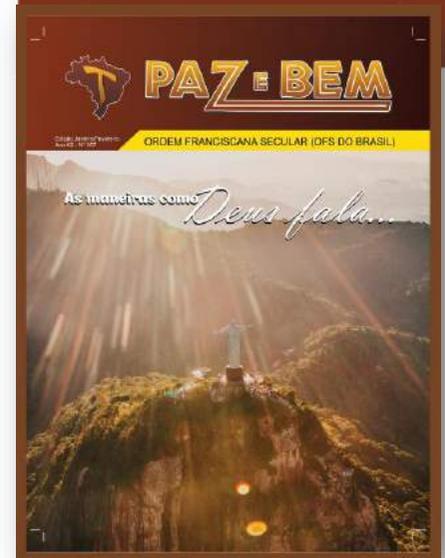
Agência 3176-3 C/C 13122-9

PIX: tesourariaofsbr@gmail.com

• **Banco do Brasil**

Agência 0392-1 C/C 13907-6

PIX: 33.916.479/0001-60



**Atenção: toda e qualquer forma de pagamento deverá obrigatoriamente ser efetuada em nome de Ordem Franciscana Secular do Brasil.**

Depois de fazer o pagamento é só **enviar seu comprovante e atualizar seus dados** através do e-mail **pazebem@ofs.org.br** ou do **Whatsapp da OFS do Brasil no (21) 997858960**. Nossa equipe entrará em contato para confirmar a renovação de sua assinatura.

Aguardamos seu contato.

## A OFS DO BRASIL AGORA ESTÁ NO WHATSAPP, NO TELEGRAM E DE TELEFONE FIXO NOVO!

Paz e bem! Buscando atender melhor aos nossos irmãos e irmãs apresentamos algumas novidades. Nosso WhatsApp é para fins comerciais, então através dele você pode, dentre outras coisas, fazer pedido de materiais ou solicitar informações sobre sua assinatura da Paz e Bem. Já no Telegram criamos um canal para divulgar nossas notícias e materiais. Então você receber os links de nossas publicações e fica por dentro de tudo o que está acontecendo na OFS do Brasil. E, por fim, com nossa mudança de endereço, atualizamos nosso telefone fixo, através do qual também atenderemos suas demandas.

Você pode se comunicar conosco através das redes sociais, telefones e site disponibilizados abaixo. Aguardamos seu contato.

Siga nossos perfis na internet e divulgue para que mais pessoas acompanhem o carisma franciscano!



Instagram:  
<https://www.instagram.com/ofsdobrasil/>



WhatsApp:  
+55 (21) 99785-8960



Facebook:  
<https://www.facebook.com/OrdemFranciscanaSeculardoBrasil/>



Telegram:  
<https://t.me/ofsdobrasil>



Twitter:  
<https://twitter.com/OFSBrasil>



Telefone fixo: (21) 3172-4789



Site: [www.ofs.org.br](http://www.ofs.org.br)



E-mail:  
[ofsbr@ofs.org.br](mailto:ofsbr@ofs.org.br) ou [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)

## **DÁ-NOS A UENTURA DE TE RECONHECER**

**Acabo de ler, Senhor Jesus,  
tua última promessa no teu último olhar...**

**“Tende confiança, eu venci o mundo.**

**No mundo tereis tribulações,  
mas vossa tribulação se transformará em alegria.**

**Haverei de vos ver de novo e então vosso coração  
e essa alegria ninguém vos roubará.**

**Digo-vos estas coisas para que tenhais a paz...**

**Pai, chegou a hora, vou para ti”.**

**E, eis-nos aqui, Senhor.**

**Olha em nossos olhos e tu reconhecerás as lágrimas  
de teu amigo Pedro depois da negação.**

**Olha em nossos corações:  
tu encontrarás o coração de Simão de Cirene  
decididamente e agarraremos tua cruz.**

**Olha em nossas mãos,  
vê o véu de Verônica:**

**enxugaremos todas as lágrimas de teu rosto inumerável.**

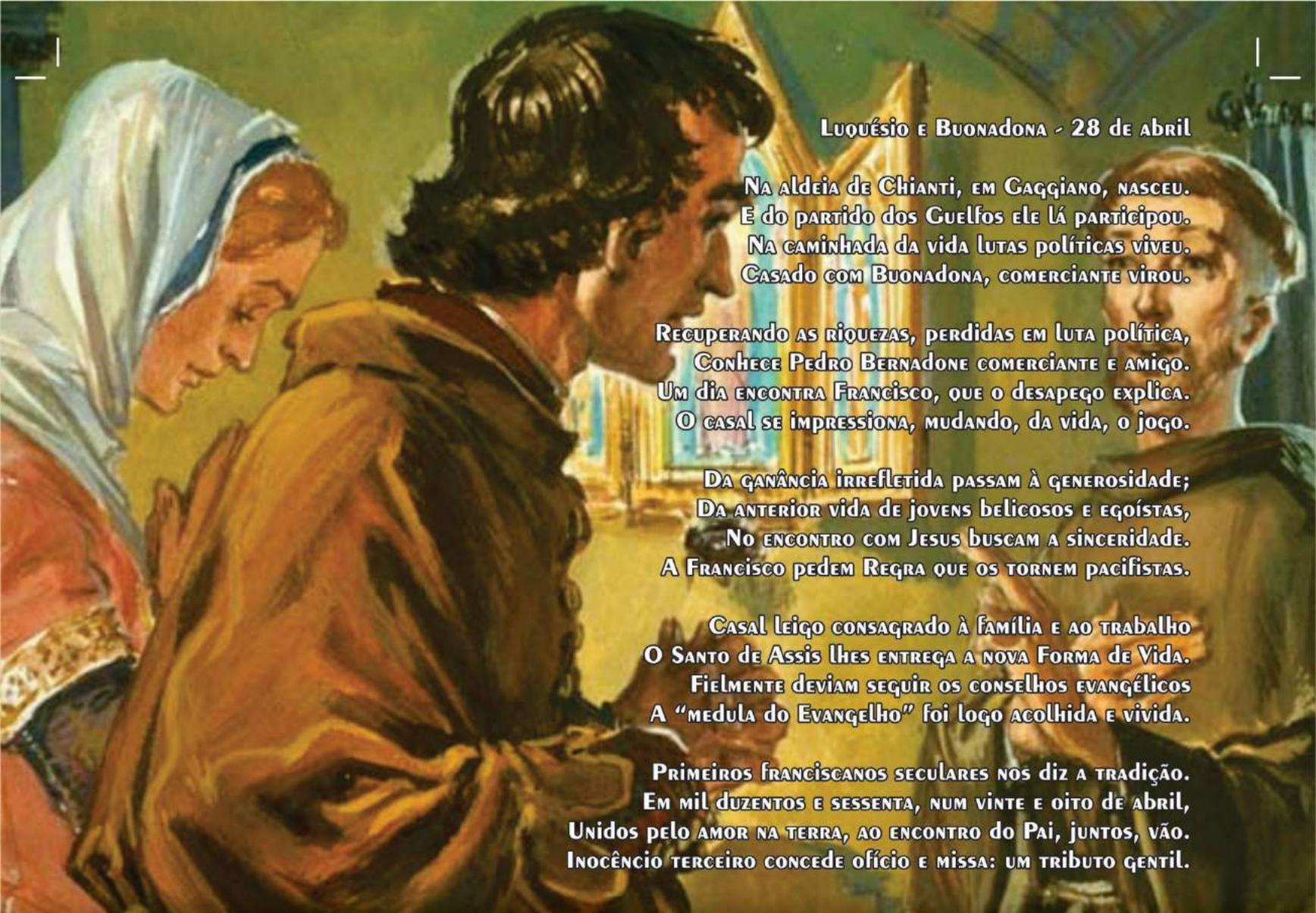
**Olha o óleo do samaritano e o copo de água  
para o menor dentre os teus.**

**Vamos te reconhecer na fração do pão  
e compartilharemos o pão que nos destes.**

**Tu haverás de passar o teu olhar em nossos olhos  
e continuaremos a criação do mundo.**

**Senhor, Senhor Jesus,  
Sim, tudo está consumado  
e é o amor que ganha.**

**(Jacques Leclerc)**



**LUQUÉSIO E BUONADONA - 28 de abril**

**NA aldeia de CHIANTI, EM GAGGIANO, NASCEU.  
E DO PARTIDO DOS GUELFOS ELE LÁ PARTICIPOU.  
NA CAMINHADA DA VIDA LUTAS POLÍTICAS VIVEU.  
CASADO COM BUONADONA, COMERCIANTE VIROU.**

**RECUPERANDO AS RIQUEZAS, PERDIDAS EM LUTA POLÍTICA,  
CONHECE PEDRO BERNADONE COMERCIANTE E AMIGO.  
UM DIA ENCONTRA FRANCISCO, QUE O DESAPEÇO EXPLICA.  
O CASAL SE IMPRESSIONA, MUDANDO, DA VIDA, O JOGO.**

**DA GANÂNCIA IRREFLETIDA PASSAM À GENEROSIDADE;  
DA ANTERIOR VIDA DE JOVENS BELICOSOS E EQOÍSTAS,  
NO ENCONTRO COM JESUS BUSCAM A SINCERIDADE.  
A FRANCISCO PEDEM REGRA QUE OS TORNEM PACIFISTAS.**

**CASAL LEIÇO CONSAGRADO À FAMÍLIA E AO TRABALHO  
O SANTO DE ASSIS LHEZ ENTREGA A NOVA FORMA DE VIDA.  
FIELMENTE DEVIAM SEGUIR OS CONSELHOS EVANGÉLICOS  
A "MEDULA DO EVANGELHO" FOI LOÇO ACOLHIDA E VIVIDA.**

**PRIMEIROS FRANCISCANOS SEculares NÓS DIZ A TRADIÇÃO.  
EM MIL DUZENTOS E SESENTA, NUM VINTE E OITO DE ABRIL,  
UNIDOS PELO AMOR NA TERRA, AO ENCONTRO DO PAI, JUNTOS, VÃO.  
INOCÊNCIO TERCEIRO CONCEDE OFÍCIO E MISSA: UM TRIBUTO GENTIL.**

### **ORAÇÃO pela INTERCESSÃO de LUQUÉSIO E BUONADONNA**

**Ó Altíssimo Pai bondoso, QUE CHAMASTE O CASAL LUQUÉSIO E BUONADONNA A SEGUIREM TEU SANTO EVANGELHO À MANEIRA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, NÓS VOS LOUVAMOS E GLORIFICAMOS POR ESSE EXEMPLO, A NÓS CONCEDIDO, DE VOCAÇÃO MATRIMONIAL E VIDA PENITENTE FELIZ.**

**O BEM-AVENTURADO CASAL APRENDEU A OBSERVAR A REGRA FRANCISCANA SECULAR E EM SUAS TAREFAS DIÁRIAS A FRATERNIDADE CULTIVAR.**

**UM PARA O OUTRO, FORAM SINAIS DE SANTIDADE ESPONSAL E A AVAREZA SE CONVERTEU EM JUSTIÇA SOCIAL. CONCEDEI-NOS, POR SUA INTERCESSÃO, A BÊNÇÃO PARA TODAS AS FAMÍLIAS, PARA QUE O AMOR SEJA A MEDIDA.**

**NUNCA FALTE O PÃO E A PARTILHA. CRESCA A FÉ E A ALEGRIA.**

**ACOLHEI PELAS MÃOS DOS BEATÍSSIMOS LUQUÉSIO E BUONADONNA, O NOSSO HUMILDE PEDIDO...**

**ISSO PEDIMOS EM NOME DO VOSSO AMADO FILHO, NOSSO SENHOR JESUS CRISTO. AMÉM!**



**ÓRGÃO OFICIAL DA  
ORDEM FRANCISCANA  
SECULAR DO BRASIL**

**Igreja de São Francisco da Prainha**  
Adro de São Francisco, s/nº - Bairro da Saúde,  
CEP: 20081-290 - Rio de Janeiro - RJ  
Telefax: (21) 2240-4565 e 2516-3478  
E-mail: [pazebem@ofs.org.br](mailto:pazebem@ofs.org.br)  
Caixa Postal: 50052 - CEP 20050-971

